

PREÂMBULO

NOVAS VOZES E REDEFINIÇÃO DE RUMOS

Uma ânsia de renovação, de repensamento, transmutação de lideranças e instituições, redefinição de rumos perpassa a sociedade brasileira, que convive, há séculos, com a ineficiência, incompetência, viciações, degradações de toda ordem, afetando-nos visceralmente o desenvolvimento e a dignidade nacional. Um País estagnado - administrado e marcado por conchavos, equívocos, corrupção, violência, fisiologismos condenado ao marasmo e ao subdesenvolvimento, ante a falta de ética, planejamento estratégico a médio e longo prazos, ausência de gestão sóbria, patriotismo dos governantes. Carecemos de sintonia com as rápidas transformações da economia e cultura mundial, suas estruturas produtivas, as novas dimensões da tecnologia e dos mercados, de projetos e metodologias de inteligência, que nos impulsionem a um crescimento contínuo, vigoroso, consistente, sustentável.

A desafiadora pergunta – por que não damos certos? Que forças anacrônicas emperram-nos o desenvolvimento? Somos, afinal, dotados de surpreendentes recursos naturais, de vasto potencial humano, mas com falhas gravíssimas em termos de educação, igualdades sociais, infraestrutura, os assombrosos privilégios de grupos econômicos e oligárquicos dominantes desde o período colonial, insegurança jurídica, o Estado dominado por grupos apátridas.

Para tal, é preciso mudar. Mudar mentes, métodos; inovar, renovar de cima abaixo. Abolirmos processos nefastos em todos os níveis institucionais, políticos, empresariais, culturais, educacionais, fiscais-tributários, mesmo religiosos, com suas estruturas e metodologias onerosas, sufocantes, degradantes, esclerosadas que nos engessam e nos emperram o desenvolvimento. Um Estado e um sistema institucional em si indolentes, sem representatividade e legitimidade, desligados e indiferentes às aspirações nacionais.

Eis nossas instituições de representatividade popular, em todos os seus contextos e esferas, seus aspectos partidários extensivamente medíocres, viciados, corrompidos, a serviço de interesses escusos, pútridos, totalmente insensíveis e desinteressados para com os problemas e necessidades da sociedade e da Pátria. Daí tornarem-se desacreditadas, caducas, tidas atualmente pela até mesmo como organizações criminosas.

A solução está na conscientização popular, na expressão democrática e ativa de grupos sociais, no desabrochar de novas lideranças oriundas de nossas profundas raízes e das genuínas tradições e etnias que marcam o pluralismo pátrio – eivadas de ética, respeito, propósitos inovadores, destemor e a devida capacitação e formação compatíveis aos nossos tempos. O obsoleto de nossas instituições e atuais lideranças há de ser extirpado, de forma a edificarmos uma nova sociedade, com renovação do quadro social, político, econômico que secularmente nos escraviza e nos joga na miséria, na vergonha junto aos povos do mundo inteiro. O acesso à educação, à informação, às mídias sociais tem, por outro lado, muito a contribuir para a eclosão de novas vozes e de rumos para todos brasileiros.

Do Sal do Ferro

O arraial surgiu em meio à Picada de Goiás, uma via aberta e usada por bandeirantes em meados de 1700 ligando Pitanqui, em Minas Gerais, ao Centro-Oeste brasileiro. Cresceu, recebeu o nome de Serra do Sal e se tornou parada quase obrigatória de tropeiros e exploradores na corrida pelo ouro. "Com isso, fizeram construir uma ermida e doaram para ela uma tábua trabalhada com a imagem de São João Batista, deixando ali a devoção ao precursor do Messias". Entenda outros detalhes na história de Morro do Ferro.

página 03

"Um louco envenena toda família"

"Há 104 anos, na manhã de 13 de setembro de 1916, uma desgraça inominável, um fato estarrecedor, atingiria o então arraial de São Tiago, espalhando-se como um rastilho incontável num sorvedouro descomunal, por toda a região e País. José Gabet, um conhecido respeitado e até então pacato boiadeiro de tradicional clã familiar, acostumado a longas viagens pelos sertões em negócios com gado, forçara a família – sete filhos e esposa – a tomar vermífugo, na verdade estricnina".

Pág. 04

Endereço: Campos das Vertentes

O que os inconfidentes Padre Carlos Correia de Toledo, Coronel Francisco Antônio de Oliveira Lopes e Capitão José de Resende Costa tinham em comum? Bem, além dos ideais libertários, todos eles residiram no Campo das Vertentes.



Pág. 10

ADIVINHAS

- 1- O que é que mantém sempre o mesmo tamanho, não importa o peso?
- 2- O que é que uma impressora disse para a outra?
- 3- O que é que o cavalo foi fazer no orelhão?

Respostas: 1- A balança - 2- Essa folha é tua ou é impressão minha? - 3- Passar o trote.

Provérbios e Adágios

- Deus criou, o vento espalhou e o diabo ajuntou.
- Dá com a mão direita, que a esquerda não saiba.
- Dia de muito, véspera de pouco.
- De pensar, morreu um burro.
- Dar um boi para não entrar na briga, e uma boiada para não sair.
- Do bolso que enfia a mão, o pobre só tira dedos.
- De onde se tira e não bota, um dia fica com nada.
- Deus querendo, água fria é remédio.



Para refletir

A ARTE DE OUVIR

O sábio Saadi de Shiraz caminhava por uma rua com seu discípulo, quando viu um homem tentando fazer com que sua mula andasse. Como o animal se recusasse a sair do lugar, o homem começou a insultá-lo com as piores palavras que conhecia.

- Não sejas tolo - disse Saadi de Shiraz. O asno jamais aprenderá tua linguagem. O melhor será que te acalmes e aprendas a linguagem dele. E, afastando-se, comentou com o seu discípulo:

- Antes de entrar numa briga com um asno, pensa bem na cena que acabaste de ver.

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Marcus Antônio Santiago; Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COMO FALAR CONOSCO:

BANCO DE DADOS CULTURAIS/INSTITUTO SÃO TIAGO APÓSTOLO

Rua São José, nº 461/A - Centro

São Tiago/MG - CEP: 36.350-000

Celular: (32) 9 9912-2254 (hor. comerc.) Tel.: (32) 3376-1286

Falar com Davy Antonio Silva Reis

AO PÉ DA FOGUEIRA ALGUÉM É CULPADO...

O cidadão álcere, espalhafatoso, roupas esportivas, adentra o prédio da indústria. Carro furgão estacionado à porta. Apresenta-se como empresário carioca, onde maninha, segundo suas palavras, duas ou três lanchonetes com grande, crescente movimento de público, além de rede delivery, vendas on line e por aí fora. Tinha, segundo ele, por hábito oferecer novidades à clientela, buscando e descobrindo sempre novos produtos, receitas diversificadas, adquiridos em todo o continental País. Daí seu diferencial, seu segredo. Estava à procura de variedades alimentícias e propunha adquirir da empresa até uma tonelada semanal da produção. Isso só para início de conversa. Tinha espaço para comprar muito mais...

O proprietário se entusiasma. Indústria recém constituída, tocada com a ajuda da família. Lutava para colocar a produção. Uma encomenda no patamar proposto pelo "carioca" significava - naqueles tempos - cinco mil reais semanais. Seria um comprador à porta, quatro toneladas mensais, faturamento de vinte mil reais. Um considerável, surpreendente suporte para o seu empreendimento. Algo imperdível.

Entabula-se uma longa conversa, regada a cafezinho e biscoitos, até que o negócio é fechado. O comprador, alegava estar adquirindo uma razoável quantidade, e como desconhecia ainda se o produto teria aceitação do público carioca, propôs pagar em cheques com vencimento para daí a três semanas corridas. Precisava de um prazo para cobertura. Assim, ao levar a primeira remessa, daria o cheque para vencimento daí a 21 dias; na segunda, terceira remessas e assim sucessivamente, o cheque emitido, para pagamento, "jogado para frente", sempre a cada 21 dias.

- Um ótimo negócio, diz ao proprietário, batendo-lhe, sorridente, no ombro. Hoje, dia 2, deixo-lhe um cheque para o dia 23, relativo à carga que eu levar. Dia 9, retornarei e lhe darei um cheque para o dia 30... E olha, conforme já lhe disse, é só o começo. Prometo, assim que engrenar as vendas lá, buscar aqui não só uma, mas três, quatro toneladas por semana... O senhor vai se enriquecer, meu amigo!...

Os familiares ali próximos, acompanhando a conversa, esclarecem, à meia voz, ao chefe, um tanto quanto cismado: - O apertado serão as primeiras semanas. Depois, o negócio firma... Vislumbavam, decerto, um filão, um achado!

Já, naquele dia, o estranho leva toda a produção estocada, deixando um cheque para o dia 23. O industrial tem que se virar, ao longo da semana: aumentar a compra de insumos, trabalhar horas a mais, pois na semana seguinte o comprador estaria novamente à porta. Para fazer face aos novos compromissos, a empresa teve que buscar empréstimos bancários e assim adquirir mais matéria prima, insumos, diesel, novos equipamentos. Investimentos e... dívidas!

Dia 9, favas contadas, eis o "carioca", praticamente ao amanhecer do dia. Mais um carregamento e um cheque para o dia 30. Dia 16, nova carga e mais um cheque para o dia 7 do mês seguinte. O proprietário aguarda ansioso o dia 23 para colocar o primeiro cheque e assim, passado o sufoco, começar a fazer o giro, o carrossel do negócio.

Eis que, dia 21 ou 22, para surpresa de todos, ressurgiu, manhazinha solta, o cidadão, o empresário sempre falante, o das roupas berrantes. Tivera ele - assim afirmava, eufórico - grande venda na semana e estando "em giro" pela região, resolvera antecipar a compra, dando uma parada na fábrica.

Embora a grande estranheza, como não deixar de atendê-lo? E lá se foi mais uma remessa com cheque para daí a 21 dias. Dia seguinte, o primeiro cheque é depositado no banco, colocado na compensação. Ansiedade total. Dois dias passados, cheque devolvido, sustado, conta do cliente encerrada, assim informa o banco de destino, onde o distinto mantinha movimentação. Assim os demais cheques. Telefones e endereços fornecidos não mais atendiam. O cidadão, obviamente, jamais voltou para novas compras. Jamais localizado. O industrial ficou a ver navios, com vastos compromissos junto ao banco (onde fizera empréstimos de forma a atender as encomendas do "comprador carioca") além de fornecedores, funcionários, até agiotas. Sua empresa entrou em declínio. Perguntado sobre o fracasso do negócio, teve uma única e cômoda desculpa: - o banco me "quebrou"...



Realização:



Patrocínio:



Apoio Cultural:



DE SÃO JOÃO BATISTA A MORRO DO FERRO

178 anos de criação (1842 - 2020)

No ano de 1720 a Capitania de Minas Gerais desmembrou-se da de São Paulo e no ano seguinte foi descoberto ouro em Goiás. A fim de abrir novos caminhos bandeirantes, sertanistas e outros desbravadores impetraram com as incursões nesta região nascendo a rota principal deste caminho rumo ao Sertão que ganhou o nome de "Picada de Goiás". Sertanistas, mineiros tinham grande interesse em investir na busca por essas sesmarias, pois a região era promissora na cata do ouro e de pedras preciosas. Outro fator que ajudava neste intento era a questão da proximidade do "Caminho Velho", que seguia a rota de São João del-Rei a Minas de Ouro Preto e Sabará e, depois seguia viagem para o de Goiás.



Ao longo, do caminho da Picada de Goiás foram intensificando o surgimento de pequenas povoações (arraiais), em lugares que os desbravadores iam conhecendo e vendo que ali havia a possibilidade de explorar. Muitos, na esperança de enriquecer, enfrentavam todas as intempéries pelo caminho a fora. Às vezes, com fome, doentes, em meio a rotas confusas, animais pelo caminho e longe da família. A fé era o sentimento motivador. Assim traziam em seus surrões as imagens dos seus santos de devoção. Eram eles que os protegiam e amenizada um pouco de tanto sofrimento. Assim, foram surgindo depois de São João del-Rei, São Gonçalo, Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis), Parada de Santo Antônio do Rio do Peixe (São Tiago), São João Batista (Morro do Ferro), Nossa Senhora d'Oliveira (Oliveira), São Francisco de Paula etc.

Os primeiros habitantes do atual distrito de Morro do Ferro, no início da rota do caminho, deram-lhe o nome de "Serra do Sal", como ponto de referência. Na efervescência do caminho da Picada de Goiás tentaram explorar a localidade a fim de obter riquezas por meio de pedras preciosas.

Toda formação de arraiais tinha no centro uma ermida e, posteriormente, havia a construção de uma capela dedicada ao santo de devoção do fundador ou da maioria dos primeiros moradores.

No caminho, o arraial era ponto importante de pousada, alimentação e troca de mercadorias entre moradores, viajantes e tropeiros que vinham do Rio de Janeiro e seguiam para a Picada de Goiás. Na corrida do ouro tropeiros haviam adotado o ponto da Serra do Sal como parte da rota, pernoitavam na vila quando seguiam o caminho da Picada de Goiás. Com isso, fizeram construir uma ermida e doaram para uma tábua trabalhada com a imagem de São João Batista deixando ali a devoção ao precursor do Messias. Nesta preciosa tábua foi desenhada, esculpida e pintada com tintas silvestres a imagem de São João Batista com um cordeirinho, existe até hoje e faz parte do patrimônio da Escola Estadual "São João Batista".



Aos poucos, alguns desses desbravadores iam se firmando na localidade devido ao ouro e pedras preciosas estarem ficando escassas na região. Daí começa-se o trabalho na agricultura e pecuária como a possibilidade de ter um afazer e uma forma de por ali se estabelecer. Com isso as famílias eram constituídas e viviam no arraial. Das famílias antigas da localidade registram-se a de imigrantes de origem italiana, alemã, sírio-libaneses, se estabelecendo na vila.

O arraial em janeiro de 1765, recebeu uma provisão concedida em nome dos senhores Bartolomeu da Silveira Machado e José Muniz Falcão, para iniciarem a construção do templo. A mesma provisão foi renovada aos 03 de setembro de 1768 e o patrimônio foi constituído em 1781, quando se tornou Capela pública e começou a formar o arraial de São João Batista. Anos depois a imagem do padroeiro foi entronizada na Capela e seus moradores colocados sob a proteção de São João Batista.

Uma preocupação dos pais seria a cultura de seus filhos. Como poderiam estudar? Não existia escola na região. Apenas se a família tivesse condições para pagar professores que viessem de longe para ensinar pelo menos o básico. Os pais ensinavam os afazeres de casa para as meninas e outras habilidades com pequenas costuras, remendos, fiar linha na roca, bordar, etc. Os meninos aprendiam com os pais as tarefas comuns da roça, do manejo com lavoura, do gado e de algumas atividades na mineração. Para ambos era ensinada a religião católica.

Naquela época não existia Botica/Pharmacia e a cura de moléstias e dores se dava por meio de plantas transformadas em chás, banhos de ervas, unguento, e com rezas e benzeções por pessoas da comunidade ou

da região, que tinham habilidade adquirida ou passada por familiares.

Anos depois a primitiva Capela foi demolida e deu lugar a outra com estrutura de alvenaria de pedra em estilo barroco. Conta-se que os escravos de fazendeiros da época trouxeram em carros de bois grandes pedras da região para a construção da Capela, além de terem trabalhado na sua edificação. Depois de ser inaugurada, foi delimitado e construído o adro para servir de cemitério e o restante tornou-se o Largo do Arraial.

Em 1842, a Vila de São João Batista foi elevada à categoria de Distrito sendo criado pela resolução da Câmara Municipal de Oliveira, aprovada pela Lei Provincial nº. 239, de 30 de novembro de 1842.

O povo batistiano, desejoso que a localidade se tornasse freguesia requereram a autoridades e pessoas influentes do distrito de São João Batista que fizessem uma petição ao bispo de Mariana que intervisse junto à Assembleia Provincial de Minas Gerais para que elevasse o Curato de São João Batista à categoria de Freguesia. Atendendo a petição dos moradores, a Lei Provincial de 22 de setembro de 1871, elevou o distrito à categoria de Freguesia colocando-o como desejo da comunidade, sob a proteção e bênçãos de São João Batista.

Aos poucos ia se organizando a vida da população. Tantas coisas precisavam ser feitas, mas um passo grande já havia sido conquistado, a localidade elevada à categoria de Distrito e Freguesia, poderia ter alguns benefícios de acordo com as leis civis.

O distrito de Morro do Ferro é um dos mais antigos do Brasil pertenceu a Comarca do Rio das Mortes e a de Bom Sucesso, no ano de 1943 novamente foi reincorporado ao município de Oliveira. Como no país já havia outra cidade com o nome de São João Batista e por uma questão de nova organização, a antiga denominação de "São João Batista" foi mudada para "Morro do Ferro". "O nome de Morro do Ferro foi adotado devido às jazidas de ouro ali exploradas por uma companhia alemã, que abandonou suas atividades em 1914 devido à primeira Guerra Mundial." (Jornal Estado de Minas, Paisagens Mineiras: 2004).

O perímetro urbano do distrito está no alto de uma colina, ladeada por grandes erosões/voçorocas. O antigo arraial de São João Batista lembra a própria história do ciclo do ouro, da cana de açúcar, do café, do gado, dos engenhos na fabricação de rapadura, aguardente, trabalho escravo e do comércio.

Atualmente a economia está voltada para agricultura e pecuária, sobressaindo-se na produção de pequenas lavouras de verduras, legumes, plantações de cana-de-açúcar, café, mandioca, cachaça artesanal, fabricação de biscoitos diversos. Ressalta-se também a produção de derivados do leite na Fazenda Bom Destino, com os apurados produtos Bom Destino, feitos com leite de búfalas.



Dentre os eventos que ocorrem durante o ano, tem-se a belíssima festa em honra ao padroeiro São João Batista, a mais prestigiada por todos, pois movimenta o distrito e toda região. São realizadas celebrações religiosas e também eventos na parte social, tudo na segunda quinzena de junho e, sobretudo, o dia principal do padroeiro, 24 de junho. O show pirotécnico que acontece todos os anos coroa o dia do Santo. É maravilhoso! Um espetáculo!

Todos os anos no mês de novembro é feita uma programação especial em comemoração ao dia do Distrito com vários eventos, inclusive o tradicional desfile cultural coordenado pelos funcionários e alunos da Escola Estadual "São João Batista", além da entrega da comenda de São João Batista a personalidades que são destaques ou que deram sua contribuição para o desenvolvimento e progresso da localidade.

O distrito concedeu à sociedade brilhantes profissionais na área da política, educação, administração, negócios e na literatura também.

Morro do Ferro é um lugar bom de se viver! A comunidade é atendida pelos serviços básicos de que a população precisa. Destacamos também, belezas naturais e culturais no distrito, porém, pouco conhecidas e exploradas. Na região, há ambientes que possibilitam a prática turismo na natureza, diversão e aventuras.

Marcus Santiago
Professor na E. E. "São João Batista"

TRAGÉDIA DA FAMÍLIA GABET EM SÃO TIAGO -novas versões-



Há 104 anos, na manhã de 13 de setembro de 1916, uma desgraça inominável, um fato estarrecedor atingiria o então arraial de São Tiago, espalhando-se como um rastilho incontornável num sorvedouro descomunal, por toda a região e País. José Gabet, um conhecido respeitado e até então pacato boiadeiro de tradicional clã familiar, acostumado a longas viagens pelos sertões em negócios com gado, forçara a família – sete filhos e esposa – a tomar vermífugo, na verdade estricnina. As crianças morreriam de imediato tombando todas aos olhos da mãe estupefata, entre estertores lancinantes, enquanto a esposa D. Maria José dos Reis, por alcunha Nanhá Gabet, mesmo ingerindo a poção venenosa conseguiria se salvar, por força da atuação rápida de vizinhos, que acudiram ante seus cruciantes gritos. O marido se suicidara, encontrado já morto no quintal.

As causas da tragédia ainda hoje são incógnitas. A versão mais divulgada – e que perpassa o tempo – afirma tratar-se de crime passionnal ou de honra. Numa de suas inúmeras viagens de negócios, Gabet teria seduzido e engravidado uma jovem, filha de poderoso fazendeiro daqueles sertões. O qual ultrajado mandara jagunços ao encalço do ignóbil sedutor, com ordens de matá-lo, levando-lhe as orelhas como prova de seu fim. A jovem conseguiria comunicar a Gabet as malévolas intenções de seu pai – daí Gabet, encurralado, perturbado, decide dar cabo à família.

Assunto tratado a larga pela imprensa da época e motivo, até os dias atuais, de artigos, monografias, livros, apresentações teatrais.

Recentemente, nosso amigo e

colaborador, o historiador Vinícius Mata, a quem agradecemos penhoradamente, localizou mais alguns títulos na imprensa da época sobre o tétrico fato e que inserimos nas páginas abaixo.

Os citados textos apresentam uma nova versão para a tragédia – José Gabet achava-se em gravíssima situação financeira, negócios mal feitos, levando-o à loucura e desvarios mentais, que culminariam com a hediondez e a supressão de toda a família.

Sobre a Tragédia da família Gabet ver matérias em nosso boletim XCIV – julho/2015 e CVIII – setembro/2016

Um louco envenena com strychnina toda a família

Morre elle e sete filhos, escapando a mulher

S. João d'El-Rey, 14 de setembro.

Hontem, dia 13, considerado fatídico para muitas pessoas que, ao contrario de outras, procuram trazer, como mascote, esse numero suspeito, não deixou de dar a sua nota impressionante!

O nosso companheiro que actualmente percorre o Estado de Minas, viajava do interior com destino á cidade de Palmyra, quando, ao passar pela estação de Sitio, ouviu um murmúrio de que algo de grave se passava em S. João d'El-Rey. Retirando apressadamente a mala do comboio, procurou conhecer do que se havia dado na florescente cidade mineira, nada conseguindo pela absoluta falta de noticias positivas.

A's 3 horas da tarde tomou o comboio para essa cidade, onde chegou cerca das 7 horas da noite, seguindo immediatamente para o Hotel Oeste. Ahi, por mais que procurasse saber o que de anormal se passava, nada obteve e, tomando a deliberação de ouvir pessoas do local, sahio, subindo a movimentada rua Moreira Cesar.

As primeiras notas — Ouve o dr. José Viagas, que lhe diz ter-se dado um facto impressionante no lugar denominado S. Tiago, districto de Bom-sucesso, distante oito leguas de S. João d'El-Rey. A narrativa era constantemente interrompida por innumeras passagens, que procuravam o dr. Viagas afim de solicitar minucias do horrivel caso. Consequiu o nosso companheiro saber que pela manhã de 13, no lugar denominado S. Tiago, o commerciante José Gabet Junior, de 37 annos de idade, havia sido encontrado morto, como tambem mortos foram encontrados seus sete filhos o em estado gravissimo sua esposa.

José Gabet, primo dos Drs. José, Antonio, Augusto e Henrique Viagas, demonstrava de ha algum tempo estar soffrendo das faculdades mentaes, pois, como commerciante de gado com a praça desta Capital, procurava e fazia mesmo os mais desastrosos negocios.

A's 8 horas da manhã partiu para o local da tragédia o dr. Augusto Viagas. A's 10 horas o nosso companheiro conseguiu falar ao dr. Henrique Viagas, que se achava em S. Tiago, obtendo com grande difficuldade, devido ao pessimo estado da linha telephonica, as seguintes informações:

A população daqui está alatinada com o caso.

Falleceram José Gabet e sete filhos, sendo o mais velho de 12 annos e o menor apenas de 3 mezes.

A esposa de Gabet está em estado gravissimo, porém já pôde fallar.

A autopsia determina que todos foram envenenados com strychnina, ignorando-se o motivo do facto.

Foram as sete crianças encontradas mortas e a desolada progenitora, cahida em estado grave, vendo-se os cadaveres de seus filhos maiores cahidos sobre seu corpo quasi inerte.

O quadro é horrivel!

Gabet foi encontrado morto no quintal.

Em S. João d'El-Rey é a tragédia de São Tiago assumpto de todas as rotas e toda a população está fundamente impressionada.

A tragedia de S. Tiago

José Gabet premeditou o seu crime — Como occorreram os factos

S. João d'El-Rey, 15-9-1916.

Em a localidade de S. Tiago perdurou no espirito do publico a mais impressionante desolação causada pela noticia do subito desaparecimento da familia Gabet Junior, tão bem conhecida era ella no lugar.

As noticias vão apparecendo os antecedentes da tragedia, confirmando-o e estado de desequilibrio mental do pae e marido criminoso.

Ha menos de dois mezes José Gabet veio a S. João d'El-Rey e de seu primo, o Dr. Augusto Viagas, advogado e Vice-Presidente da Camara, solicitou uma collocação.

Acontecia, porém, que José Gabet Junior era possuidor de um sitio onde abastinha um rebanho de muitas cabeças de gado e de quantia approximada de 15 contos de réis, factos publicos e conhecidos do seu parente Dr. Augusto Viagas, o qual extralhou o pedido e dissuadindo-o de seu proposito de comprar-se, concitou-o a voltar mais tarde para regular os seus negocios.

Estes, aliás, não iam muito bem, por que de certa época para cá o pobre homem intentou-se em negocios visivelmente máos, o que demonstra o seu desequilibrio mental.

Nessa occasião, quando estava ainda em S. João d'El-Rey, Gabet Junior mostrou a um seu amigo dos Correios um frasco contendo um toxico, dizendo-lhe: — "Isto chega para matar uma familia inteira."

Suppõe-se que o toxico contido no vidro em questião é o mesmo que foi ministrado á familia pelo desequilibrado, isto é — strychnina.

Hontem consegui fallar para S. Tiago e interrogar varias pessoas incluídas os Drs. Antonio e Augusto Viagas.

Desta conversa resultou saber eu

COMO SE DEU A TRAGEDIA

Na manhã do dia do crime o allecunhado entregou a sua esposa, D. Maria José dos Reis, de 24 annos de idade, um frasco contendo um pó, com a recommendação de ministrá-lo ás crianças, pois tratava-se de um bom medicamento, um vermífugo cuja excellencia era conhecida.

Fonte: As duas matérias foram publicadas no jornal "A Rua : Semanário Illustrado", do Rio de Janeiro, números 254, de 15 de setembro de 1916, e 255, de 16 de setembro de 1916



Lágrimas de morte

Dizem que em noites escuras, na região da Pavuna, a dois quilômetros do centro de São Tiago, o choro do espírito de uma mãe atordoada quem passa pelo local. Entre as ruínas de uma casa do início do século passado, a alma de Maria José Gabet, a Nanhá Gabet, veste preto e vaga em gemidos e lágrimas pela morte dos sete filhos e do marido, fato ocorrido dia 13 de setembro de 1916. O espanto em torno do caso é por conta das circunstâncias das mortes. O pai da família, José Gabet, obrigou todos a tomar vermífugo. O remédio, na realidade, era estriçnina, um veneno potente. Um a um, os filhos e o casal foram tombando em agonia. No entanto, Nanhá Gabet sobreviveu graças à ajuda dos vizinhos. De 1916 a 1960, ano de sua morte, a matriarca nunca deixou de vestir roupas pretas, luto eterno que guardou em respeito à família.

Mas, o que teria motivado o pai a matar os filhos, a mulher e a cometer suicídio? Segundo as histórias contadas ao longo dos anos, José Gabet era um boiadeiro que sempre viajava em comitivas de gado para o oeste de Minas Gerais. Numa dessas idas, engravidou uma filha de coronel. “Isso aconteceu na ocasião em que o peão contraiu febre amarela e teve que ficar por mais tempo que o esperado numa fazenda que servia de pousada. Por lá, conheceu uma jovem com a qual teve um caso, e acabou tirando sua honra. O pai da moça, um homem muito rígido, prometeu vingança. Seu objetivo era matar José Gabet e sua família em São Tiago”, conta Ana Paula Lara, professora de história que fez sua monografia sobre o assunto.

Ainda de acordo com Ana Paula, a moça grávida teve pena do que poderia acontecer com boiadeiro. Mandou um mensageiro avisar José Gabet sobre risco que estava correndo. “Sem saber o que fazer e num ato desesperado, o peão foi a São João del-Rei e comprou veneno numa botica para matar toda a família. Depois de beber com o marido e dar o tal vermífugo para os filhos, Nanhá Gabet percebeu que as crianças estavam agonizando. Ela começou a gritar e os vizinhos foram acudir. Ao verem a cena, os moradores do local deram leite para a mulher que vomitou o veneno”. Mas, para Ana Paula, “a mãe sobreviveu porque tomou veneno em cápsula, enquanto o resto da família ingeriu a estriçnina em pó, que tem ação mais rápida no organismo”, afirma.

A comoção social em torno do caso gerou lendas sobre a família. A agente de saúde Kássia Campos morre de medo só de ouvir falar no nome de Nanhá Gabet. Moradora de região próxima ao local do crime, ela conta que são comuns os relatos de pessoas que já ouviram o choro triste da mãe que perdeu os sete filhos. A própria agente de saúde relata já ter escutado gemidos vindos do lugar. “Quando eu era criança, fui com minhas irmãs e primas até a Pavuna. Lá, nós escutamos vozes de outras crianças, mas não tinha ninguém”. Nessa época, Kássia ainda não conhecia a história do crime. Foi na adolescência que ela descobriu sobre as mortes e encontrou uma explicação para o barulho de crianças que ouviu no passado. “Daí eu liguei os gritos daquelas crianças com as pessoas

que haviam morrido. E isso gerou o pavor que tenho só de pensar naquele lugar”. A agente de saúde diz ainda que nem de carro gosta de passar pela Pavuna.

O comerciante João Batista de Andrade, o Batista, tem uma venda próxima ao local em que aconteceram as mortes da família Gabet. E ele próprio garante já ter visto coisas estranhas por lá. Em 1973, quando sua esposa entrou em trabalho de parto, teve que ir buscar uma parteira numa rua próxima de sua casa. No meio do caminho, ao avistar a Pavuna, viu uma luz estranha no local. “Sai de casa por volta das duas da madrugada e por acaso olhei para o caminho que levava à Pavuna. Vi uma luz na casa de Nanhá Gabet. O clarão ia e voltava, parecendo procurar algo ou alguém. Isso me fez arrepiar e ao me lembrar das mortes, fiquei mais apavorado ainda”, lembra.

Em sua venda, típica do interior de Minas Gerais, Batista ouviu contar muitas dessas histórias. A que chamou mais a atenção do comerciante foi a do enterro fantasma dos Gabet. Batista se lembra do relato de um homem que teria tido uma visão de assombrar. “Seu Geraldo Campos contava que depois de jogar baralho por um longo tempo na casa de um amigo, na cidade, precisava voltar para sua casa, na roça. O caminho era pela Pavuna e, como de costume, seguiu tranquilo em seu cavalo. Ao passar pela ‘cava’ que se estendia até próximo à casa dos Gabet, viu um funeral, com oito pessoas carregando um caixão. Achou aquilo estranho, principalmente porque era tarde da noite. Parou o cavalo, tirou o chapéu, fez uma oração e depois seguiu caminho. No dia seguinte voltou à cidade e, ao questionar algumas pessoas, inclusive o coveiro, descobriu que ninguém havia sido enterrado aquela noite”, diz Batista.

Mas, a professora Ana Paula descarta essas versões sobrenaturais em torno do ocorrido. Para ela, não há justificativa para o choro póstumo de Nanhá Gabet, já que a matriarca poderia ter feito isso ao longo dos 44 anos em que viveu sem a família. “Apesar do grande choque, ela levou sua vida em frente. Trabalhou em Bom Sucesso (cidade vizinha a São Tiago) como diretora de um orfanato e, ao voltar para sua terra, dedicou-se a ajudar quem necessitava. Boa parte do seu tempo passava dentro da Igreja”, comenta.

A história marcou o então distrito de São Tiago. O enterro, com oito caixões ao mesmo tempo, era inédito na localidade. No registro de óbito da família, consta que o filho mais velho tinha doze anos e o mais novo apenas três meses de idade. Todos morreram por volta das sete horas da manhã.

Enquanto os corpos eram velados, os capangas do coronel chegaram a São Tiago para matar a família. Ao perguntarem onde os ‘Gabet’ moravam, foram informados do velório na igreja e não puderam cumprir a ordem do patrão e levar um pedaço da orelha de José Gabet como prova de sua morte. “Apesar de parecerem ter vindo de muito longe, esses jagunços eram da região de Campo Belo, distante 110 quilômetros de São Tiago”, diz Ana Paula.

Fonte: <https://saotiaagoonline.com.br>



O PRESÉPIO

O Papa Francisco, em sua carta apostólica “Admirabile Signum”, divulgou algumas reflexões sobre o presépio. Segundo ele, “o presépio é muito amado pelo povo cristão, suscitando maravilhas e enlevo onde é colocado e representa este acontecimento da Natividade, equivalente ao anúncio e a encarnação do Filho de Deus, com simplicidade, fé, carinho e alegria”.



Nós principalmente, moradores do interior, tivemos essa belíssima vivência de montagem de presépios em nossas casas, vizinhanças, escola, lugares públicos e até na igreja. Foram períodos de grande aprendizagem e exercício da religiosidade, onde juntos com pai, mãe, avós, padrinhos vivíamos este gracioso costume de espiritualidade com estes valores nos acompanhando até hoje.

Dezembro era o momento da montagem do presépio. Período mágico, santo e esperado com muita alegria. Todos da família se envolviam com participação efetiva na confecção dele. Em casa, um lugar de destaque era escolhido e a partir daí, nossa tarefa era ir em busca de musgos, plantas, flores secas, samambaias, troncos retorcidos, argila, areia, pedrinhas variadas nos barrancos, vargens, brejos, fontes e lotes vagos. A gruta era cuidadosamente preparada com papel preto amassado, farto e grandes estrelas brilhantes de goma e purpurina eram coladas ao fundo, simbolizando assim uma noite “bem bonita e estrelada”.

Na rua onde morava, Rua Vanderlei Lara, o presépio mais cobiçado era da D. Nenega do Inacinho. Era simplesmente maravilhoso, feito com muita dificuldade por ela, juntávamos primos, vizinhos e íamos à sua casa para observar àquele lindo presépio e ouvir dela a história do nascimento do Menino Jesus.

Tínhamos também um grupo de crianças, formadas no catecismo “as pastorinhas”, que com uniformes próprios (vermelho/branco), visitávamos presépios nas casas e saíamos entoando àqueles lindos cânticos natalinos pela rua, ao som de nossos “chocalhos”. O meu, por exemplo, na improvisação por não ter onde comprar, mamãe amassou várias tampinhas de garrafas de guaraná e fez um furo no centro, amarrou em um círculo de arame e produzia àquele barulhinho gostoso junto às cantigas.

Nosso ponto alto era a chegada para visita ao presépio da Igreja Matriz. Quanto esmero! Quanta beleza! Quanta graciosidade! Monsenhor Eloi nomeava várias senhoras zelosas para confecção de seu presépio que por suas mãos hábeis e surradas iam desenrolando aqueles velhos jornais amassados e tirando imagens lindas, grandes, antigas, coloridas de uma enorme caixa guardada no fundo da sacristia. Nós, crianças, eram pedidos tarefas de providenciar areia, enfeites, pedras e até um espelho quebrado para se fazer um lago, onde depois eram colocados patinhos neste espelho d’água para compor este cenário mágico presépio. Lembro-me de três ajudantes com a supervisão de Monsenhor Eloi: D. Nhá, D.

Carmosina e D. Zélia.

Os personagens eram os mesmos em todos, só mudando o tamanho e o jeito da montagem.

-A GRUTA: simbolizando o local do nascimento de Jesus, a estrebaria.

-O CÉU: muito iluminado com a Estrela Guia.

-O ANJO: em destaque, comunicando a Boa Nova.

-OS ANIMAIS: referência ao local do nascimento com aquecimento e acolhida.

-O GALO: com seu belo canto, anunciando o nascimento.

-AS PESSOAS: do pastor ao ferreiro, do padeiro ao músico, crianças, mulheres e homens, representando a santidade da rotina do dia a dia.

-MARIA: figura feminina, frágil, mas de extrema grandeza, exemplo de humildade e meiguice ao dizer o “Sim”.

-JOSÉ: sempre ao lado de Maria, em atitude de proteção (guardião da família). Sempre portando um lampião e um bordão na mão.

-MENINO JESUS: Ah! Este é o esperado... Não podia ser colocado antes do dia 25. Este menino, nesta condição de criança, revelava a grandeza de seu amor, sempre com as mãos estendidas para abençoar a todos os povos.

Após o nascimento, havia ainda a espera da Epifania, 6 de janeiro, onde os três Reis Magos eram colocados levando seus presentes.

-OURO: simbolizando honra e realeza de Jesus.

-INCENSO: sua divindade.

-MIRRA: sua humanidade sagrada que experimentaria com morte e sepultura.

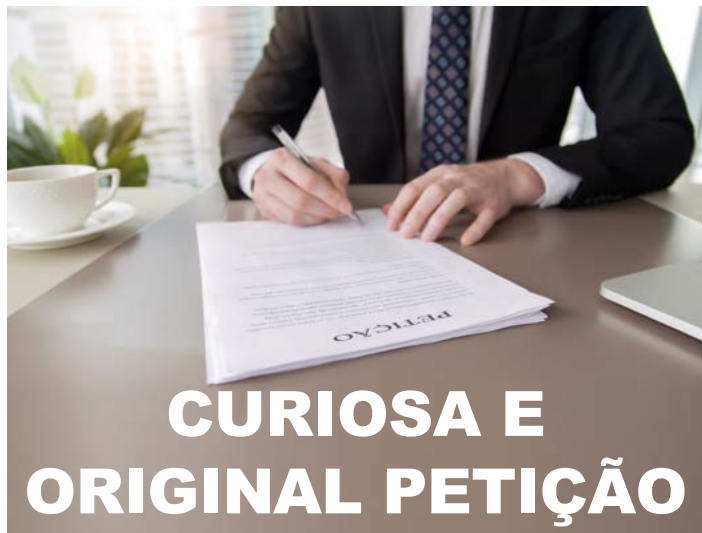


A origem do presépio se deu em 1223, remota ao Evangelista Lucas dizendo que “completando os dias, Maria teve o Primogênito, envolvendo nos panos, recostando numa manjedoura onde os animais vinham se alimentar”.

Segundo fontes franciscanas, foi São Francisco de Assis que criou o primeiro presépio anunciando assim esta grande obra de evangelização mostrando para as pessoas como teria acontecido o nascimento de Jesus.

Amar presépios em nossas casas ajuda-nos a reviver esta história sucedida em Belém, lembrando o nascimento de Jesus e abençoando nossos lares. Esperamos que essa prática nunca desapareça e se for caindo em desuso, é preciso redescobrir e revitalizar o valor real de um presépio.

Maria Elena Caputo de Castro



CURIOSA E ORIGINAL PETIÇÃO

Ilmo. Sr. Juiz de Paz.

Diz José Soares da Cunha, morador no Merim, Fazenda de Sant'Anna de Vila Nova, que, sendo, canonicamente, casado com Anna do Rosário, em face da Igreja, no ano do Império Constitucional de 1833, à vista de Deus e de todo o mundo, e por sinal que foram testemunhas e padrinhos Antônio da Rocha e Joaquim d'Ávila, sucedeu que, no dia 2 de fevereiro do corrente ano Constitucional de 1834, pelas 8 ou 9 horas da noite, ou as que na verdade eram, pois ali ninguém tem relógio certo, senão Manoel Teixeira da Silva e o Compadre Manoel Borges tem outro que trocou por uma égua, que não regula, o suplicante e mais moradores se regulam pelo sol, que quando está claro regula certo. Indo a dita mulher muito quieta para fiar algodão em casa de sua vizinha Gertrudes, viúva de Manoel Correia, cuja viúva é muito capaz, e não há que se lhe diga, exceto ser decente, só se forem alguns desavergonhados, quatro linguarudos ciganos, do que tem muito nesta Freguesia, do que, se for preciso o suplicante denunciará para lhe cair em cima todos os Códigos e Policiais do Império, e não lhes valerá empenhos, nem rabolices das ordenações; porque, graças a Deus, já estão abolidas as réplicas e tréplicas, lhe saiu repentinamente ao encontro na estrada junto ao córrego o vadio e desaforado José Bento, filho de Joaquim Bento, que se o Sr. Juiz de Paz soubesse cumprir com as suas obrigações fazia prendê-lo, autuá-lo e pô-lo em Angola; e de repente arrumou uma forte e tremenda umbigada na mulher do suplicante que logo a derrubou e ficou sem sentidos com as partes pudendas à mostra e lhe cuspiu em cima... cujas partes só ao suplicante compete ver como cousa de sua propriedade e que recebeu até a morte. E como chorasse e gritasse acudiu a viúva Mariana e lhe deu fricções de arruda e a benzeu para com muito custo ficar boa; e o suplicante não requereu logo corpo de delicto por ser a pancada no baixo ventre entre o umbigo e aquela parte mimosada da geração, que só o suplicante e a parteira podem ver; e logo que tal réu fez a maldade, fugiu e agora anda dizendo que foi brincadeira. E porque a umbigada foi de má intenção e rixa muito velha para experimentar se a mulher do suplicante se deixava ficar como pata para ele galar, porém, vá galar para o Inferno pois a mulher do suplicante não é destas vadias e sim virgem honrada, que tem matrimoniado com o suplicante, podendo isto mesmo atestar o referido Vigário pelo depoimento de suas confissões apesar de ter sido muitas vezes namorada e seduzida por pessoas de caráter e de farda agaloada, prometendo-lhe patações e cordões de ouro. Porém ela sempre firme e contente e sem fazer caso disso, pois bem sabe que o suplicante tem atrás da porta uma grande Cutia que lhe havia de ir ao lombo e por isso o suplicante, por cabeça de casal de sua mulher, quer hoje fazer citar o tal réu José Bento para ver jurar as testemunhas que o suplicante apresentar, de desacato, desaforo, da brutal umbigada que arrumou na mulher do suplicante, que foi por felicidade dela não estar pejada, senão eram duas mortes, porque esta abortava. E logo que o suplicante provar, ser o réu longo julgado pelos Srs. Deputados Jurados que se acham agregados na Laguna e pelo Sr. Juiz de Direito, a fim de ser degradado para Lages com galés que seja acompanhado com escolta de permanentes que pelo caminho lhe vão dando umbigadas e cipó bem cortado. O suplicante espera que o Sr. Juiz de Paz desagrarará sua honra atrozmente ultrajada por um bigorrihla sem educação.

R. R. M. Merim, 28 de março de 1834. Ass. José Soares da Cunha.

(Petição encontrada e copiada em Mariana pelo Ministro Rodrigo Otávio. Eu, Antônio Gaio Sobrinho a copieei da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Volume XII, páginas 318 e 319).

Nota SS – nossos agradecimentos por oportuno ao prof. Antonio Gaio, pela cópia e transmissão da presente – e peculiaríssima – matéria.



SINISTRO EM CASCAIS OU A LEI DE NEWTON E A ROLDANA

A matéria abaixo, verídica, segundo informações, saiu num dos números da revista da Associação de Engenheiros do ITA e reproduzida da Internet (orlafons@ee-wp.bham.ac.uk, em data de 01/10/1997)

“Sinistro em Cascais ou a Lei de Newton e a Roldana”

Explicação de um operário português sinistrado à companhia seguradora, que estranhou a forma como o acidente ocorreu. Este é um caso verídico, cuja transcrição abaixo foi obtida através de cópia de arquivo na companhia seguradora. O caso foi julgado no Tribunal de Justiça da Comarca de Cascais.

“Ao Tribunal Judicial da Comarca de Cascais

Exm^o s. Senhores,

Em resposta ao pedido de informação adicional, informo:

No quesito número 3, da participação de sinistro, mencionei TENTANDO FAZER O TRABALHO SOZINHO como causa de meu acidente. Disseram na vossa carta que deveria dar uma explicação mais pormenorizada, pelo que espero que os detalhes abaixo sejam suficientes:

Sou assentador de tijolos. No dia do acidente, estava a trabalhar sozinho no telhado dum edifício novo de 6 (seis) andares. Quando acabei o meu trabalho, verifiquei que havia sobrado 250 quilos de tijolos. Em vez de os levar à mão para baixo, decidi coloca-los dentro dum barril e baixa-los com a ajuda de uma roldana, que, felizmente, já estava fixada na altura do telhado, num dos lados do edifício, no sexto andar.

Desci e verifiquei o estado da corda, que já estava atada ao barril. Atei a ponta livre da corda, que descia da roldana, na máquina pesadíssima, usada para misturar a massa. Fui para o telhado e, a duras penas, puxei o barril vazio para cima e coloquei os tijolos dentro. Empurrei o barril para a ponta do telhado e, bem devagar, o empurrei um pouco mais, até que ficasse totalmente dependurado na corda. Voltei para baixo, tomei fôlego, desatei a ponta livre da corda e segurei-a com bastante força, de modo que os 250 quilos de tijolos descessem devagarzinho (de notar que, no quesito número 11, indiquei que o meu peso era 80 quilos)

Devido a minha surpresa por ter saltado repentinamente do chão (!), perdi a minha presença d'espírito e esqueci-me de largar a corda. É desnecessário dizer que fui içado do chão a grande velocidade. Lá pelo terceiro andar, bati no barril que vinha a descer. Isto explica a fratura do crânio e a clavícula partida.

Continuei a subir a uma velocidade ligeiramente menor, não tendo parado, até que os nós dos dedos das mãos estivessem entalados na roldana. Felizmente, a esta altura, já tinha recuperado a minha presença d'espírito e consegui, apesar das dores, continuar agarrado à corda. Mais ou menos, ao mesmo tempo, o barril com os tijolos caiu ao chão e o fundo partiu-se. Sem os tijolos, o barril pesava aproximadamente 25 quilos (refiro-me novamente ao meu peso indicado no quesito número 11). Como podem imaginar, comecei a descer rapidamente. Próximo ao terceiro andar, novamente, encontro o barril vazio que vinha a subir. Isto justifica a natureza dos tornozelos partidos e das lacerações das pernas, bem como, as das partes inferiores do corpo. O encontro com o barril, dessa vez, diminuiu a minha velocidade de descida, o suficiente para minimizar meus sofrimentos, quando caí por cima dos tijolos e, felizmente, só fraturei 3 vértebras.

Lamento, no entanto, informar que, enquanto me encontrava caído em cima dos tijolos, com muitas dores, incapacitado de levantar-me e vendo o barril acima de mim, perdi novamente a presença d'espírito e larguei a corda. O barril, que pesava mais que a corda, desceu e caiu em cima de mim, partindo-me, dessa vez, as duas pernas.

Espero ter dado a V.S^{as}. a informação solicitada de como ocorreu o acidente”

A história das pandemias

Dados atualizados em 11 de agosto de 2020

Como os humanos se espalharam pelo mundo, o mesmo aconteceu com as doenças infecciosas. Mesmo nesta era moderna, os surtos são quase constantes, embora nem todos atinjam nível de pandemia, como o novo coronavírus (COVID-19).

Pandemias históricas

Doenças e enfermidades têm atormentado a humanidade desde o início dos tempos. No entanto, não foi durante a mudança para as comunidades agrárias que a escala e a disseminação dessas doenças aumentou consideravelmente.

O comércio generalizado criou novas oportunidades para interações humanas e animais que aceleraram essas epidemias. Malária, tuberculose, hanseníase, gripe, varíola e outras apareceram pela primeira vez durante esses primeiros anos.

Quanto mais humanos civilizados o homem se tornou - com cidades maiores, rotas comerciais mais exóticas e maior contato com diferentes populações de pessoas, animais e ecossistemas -, mais pandemias ocorreram.

Aqui estão algumas das principais pandemias que ocorreram ao longo do tempo:



Nome	Período	Tipo	Mortos
Praga Antonine	165-180	Acridita-se que seja varíola ou sarampo	5M
Epidemia de Variola Japonesa	735-737	Principal vírus da Variola	1M
Praga Justiniano	541-542	Bactérias Yersinia pestis / ratos, pulgas	30-50M
Peste Negra	1347-1351	Bactérias Yersinia pestis / ratos, pulgas	200M
Surto de Variola no novo mundo	1520 – onwards	Principal vírus da Variola	56M
Praga de Londres	1665	Bactérias Yersinia pestis / ratos, pulgas	100.000
Praga Italiana	1629-1631	Bactérias Yersinia pestis / ratos, pulgas	1M
Pandemia de Cólera1-6	1817-1923	Bactéria V. cholerae	1M+
Terceira Praga	1885	Bactérias Yersinia pestis / ratos, pulgas	12M (China e Índia)
Febre amarela	Late 1800s	Vírus / Mosquitos	100.000-150.000 (U.S.)
Gripe Russa	1889-1890	Acridita-se que seja H2N2 (origem aviária)	1M
Gripe Espanhola	1918-1919	Vírus H1N1 / Porcos	40-50M
Gripe Asiática	1957-1958	Vírus H2N2	1.1M
Gripe de Hong Kong	1968-1970	Vírus H3N2	1M
HIV/AIDS	1981- present	Vírus / chimpanzés	25-35M
Gripe Suína	2009-2010	Vírus H1N1 / Porcos	200.000
SARS	2002-2003	Coronavírus / Morcegos, Civetas	770
Ebola	2014-2016	Ebolavírus / Animais selvagens	11.000
MERS	2015-Present	Coronavírus / Morcegos, camelos	850
COVID-19	2019-julho 2020	Coronavírus - Desconhecido (possivelmente pangolins)	738.266 (Johns Hopkins University visto em 11 de agosto de 2020)

Nota: Muitos dos números de mortos listados acima são as melhores estimativas com base nas pesquisas disponíveis. Alguns, como a Praga da Gripe Justiniana e Suína, estão sujeitos a debate com base em novas evidências.

Apesar da persistência de doenças e pandemias ao longo da história, há uma tendência consistente ao longo do tempo - uma redução gradual na taxa de mortalidade. Isso ocorreu por conta de melhorias na assistência médica e a compreensão dos fatores que incubam as pandemias.

Ira dos deuses

Em muitas sociedades antigas, as pessoas acreditavam que espíritos e deuses infligiam doenças e destruição àqueles que mereciam sua ira. Essa percepção não científica muitas vezes levou a respostas desastrosas que resultaram na morte de milhares, senão milhões.

No caso da praga de Justiniano, o historiador bizantino Procópio de Cesareia traçou as origens da praga (a bactéria Yersinia pestis) até a China e o nordeste da Índia, através de rotas comerciais terrestres e marítimas para o Egito, onde entrou no Império Bizantino através de portos mediterrâneos.

Apesar de seu aparente conhecimento do papel que a geografia e o comércio desempenhavam nessa expansão, Procópio culpou o imperador Justiniano pelo ataque, declarando-o um demônio ou invocando a punição de Deus por seus maus caminhos. Alguns historiadores descobriram que esse evento poderia ter frustrado os esforços do imperador Justiniano de reunir os remanescentes ocidentais e orientais do Império Romano, e marcou o início da Idade das Trevas.

Felizmente, a compreensão da humanidade sobre as causas da doença melhorou, e isso está resultando em uma melhoria drástica na resposta às pandemias modernas, embora lenta e incompleta.

Importando Doenças

A prática da quarentena começou durante o século 14, em um esforço para proteger as cidades costeiras das epidemias de peste. As autoridades portuárias cautelosas exigiram que os navios que chegassem a Veneza dos portos infectados estivessem ancorados por 40 dias antes do desem-

barque - a origem da palavra quarentena do italiano “quaranta giorni”, ou 40 dias.

Uma das primeiras instâncias de depender de geografia e análise estatística foi em Londres do meio do século 19, durante um surto de cólera. Em 1854, o Dr. John Snow chegou à conclusão de que a cólera estava se espalhando através da água contaminada e decidiu exibir os dados de mortalidade da vizinhança diretamente em um mapa. Este método revelou um conjunto de casos em torno de uma bomba específica da qual as pessoas estavam tirando água.

Enquanto as interações criadas através do comércio e da vida urbana desempenham um papel central, também é a natureza virulenta de determinadas doenças que indica a trajetória de uma pandemia.

Rastreamento a Infecciosidade

Os cientistas usam uma medida básica para rastrear a infecciosidade de uma doença chamada número de reprodução - também conhecido como R0 ou “R nada”. Esse número nos diz quantas pessoas suscetíveis, em média, cada pessoa doente, por sua vez, infectará.

O sarampo está no topo da lista, sendo o mais contagioso com uma faixa de R0 de 12 a 18. Isso significa que uma única pessoa pode infectar, em média, 12 a 18 pessoas em uma população não vacinada.

Embora o sarampo seja o mais virulento, os esforços de vacinação e a imunidade do rebanho podem conter sua propagação. Quanto mais as pessoas são imunes a uma doença, menor a probabilidade de proliferação, tornando a vacinação crítica para evitar o ressurgimento de doenças conhecidas e tratáveis.

É difícil calcular e prever o verdadeiro impacto do COVID-19, pois o surto ainda está em andamento e os pesquisadores ainda estão aprendendo sobre essa nova forma de coronavírus.

Urbanização e disseminação de doenças

Chegamos ao ponto de partida, com o aumento das conexões e interações globais como força motriz das pandemias. Desde pequenas tribos de caça e coleta até a metrópole, a dependência da humanidade umas das outras também gerou oportunidades para a propagação de doenças.

A urbanização no mundo em desenvolvimento está trazendo cada vez mais moradores rurais para bairros mais densos, enquanto o aumento da população está pressionando mais o meio ambiente. Ao mesmo tempo, o tráfego aéreo de passageiros quase dobrou na última década. Essas macro tendências estão tendo um impacto profundo na propagação de doenças infecciosas.

Como organizações e governos ao redor do mundo pedem aos cidadãos que pratiquem o distanciamento social para ajudar a reduzir a taxa de infecção, o mundo digital está permitindo que as pessoas mantenham conexões e comércio como nunca antes.

Referências

Traduzido de: <https://www.visualcapitalist.com/history-of-pandemics-deadliest/>

PANDEMIA E SEUS EFEITOS ATUAIS E PÓS

“Os mansos herdarão a Terra” (Mt 5:5)

A pandemia que ora afeta a humanidade teve/tem efeitos traumáticos sobre o nosso dia-a-dia. Empresas de portas fechadas, cidades imobilizadas, trabalhadores aos milhões sem trabalho e sem renda, alunos sem aulas presenciais, milhares de mortos e outros tantos emocionalmente doentes. Alastrando-se por todo o planeta, ninguém ficará imune aos seus efeitos, às suas ondas e às suas sumárias sequelas. Famílias com suas perdas de entes queridos, comunidades e nações destruídas pela crise econômica, desemprego, depressão, instabilidades pessoais e coletivas.

Crises sanitária, econômica, política, ética repercutindo, indistintamente, sobre o cotidiano de toda a população. Vulnerabilidades, fragilidades, dificuldades estampadas em quantas fisionomias e em inumeráveis corações... Vidas ceifadas, sonhos destruídos, esperanças estreitadas, mentes encurraladas. Sofrimento que pede consolo, em angustiante travessia do deserto...

Do ponto de vista religioso – em particular o cerimonialismo – surgiram dados e números inquietantes. E interrogações... A inconsistência da eclesiologia com liturgias, expedientes públicos, estruturas embasadas em organicidade, celebridades, doutrinações, templos muitos deles faustosos, até mesmo “salomônicos”. Cultos e cerimônias que prezam por multidões presenciais à moda de festivais e shows-business do sistema capitalista, tornando-se – de um momento para outro – imensos, desérticos espaços. Escândalos atingindo a vários próceres. O despreparo de várias lideranças religiosas, o desamparo de milhões de fiéis, todos assistindo, em questão de horas, as coisas virarem do avesso.

Ninguém é – ou está – imune a vendavais, a ais, a hecatombes, cabendo-nos, em todos os momentos e circunstâncias, sermos canais de vida e esperança. O Senhor permite provações, nos moldando em vasos de excelência, quebrantando-nos a argúcia, a astúcia, a petulância, a pretensa autossuficiência. O Reino de Deus é para todos, vigindo em toda a sua dignidade, justiça, fraternidade, competindo-nos sempre a construção da “cidade permanente” em ações, sacrifícios de louvor, o ser e o fazer harmoniosos. A cidadania celestial é atemporal, pleniesspacial, pois “Jesus é o mesmo ontem, hoje e amanhã” (Hb 13) A prática constante do amor, da solidariedade, humildade, hospitalidade, pois somos chamados, a todo instante, à revelação do relacionamento, à apresentação dos frutos, a prova da fidelidade cristã. “Somos cooperadores de Deus e vós a lavoura de Deus, o edifício de Deus” (I Co 3,9)

Onde o campo, a missão das Igrejas e de todos nós, cristãos? A luta densa, tenaz, contra a fome, a pobreza, a desigualdade social, o machismo, violência contra a mulher, feminicídio, intolerância e preconceitos de toda ordem, analfabetismo, abusos contra crianças, migrantes e minorias, corrupção, desrespeito aos direitos humanos, predação ambiental, onde nos posicionamos? O Reino de Deus é real, transformador do tempo e se consome, se consuma aqui e agora, ali e além. Além paredes! Além túmulos! Uma luta incansável, dinâmica, titânica, plena de reflexões, ações, práticas cotidianas onde somos os enviados, os protagonistas, os buscadores, lavradores, operários, promotores (do Reino) na manifestação, sedimentação da paz, justiça, amor do Senhor entre os homens. “Paulo, Apolo, Cefas, o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro, tudo é vosso, mas vós sois de Cristo e Cristo é de Deus” (I Co, 3,22)

Quedamos, estupefatos, ante a conduta de muitos pastores – independentemente de sua confissão religiosa – onde o aprisionamento de mentes e consciências é uma constante, interpretações bíblicas capciosas, linguagem de sedução e opressão, sob medida, a fim de aprisionamento do rebanho, pregações mecânicas, literalistas e em que a luxúria e a presunção são presentes.” Vestem-se de lã, alimentam-se do melhor cevado, subjungendo as ovelhas com rigor e dureza” (Ez 34, 2-4) “Falamos da visão de seu coração, não da boca do Senhor” (Jr 23,16) “Não mandei esses profetas e eles, contudo, foram correndo; não lhes falei, todavia, eles profetizaram” (Jr 23,21) “Ai dos pastores que se apascentam a si mesmo” (Ez 34, 2-4)

Oremos por todos, muito especialmente pelos quebrantados, pois, se fizerem humildes, o Senhor os soerguerá. Mantenhamos viva a nossa fé,

mormente em tempos de angústias como os atuais. Contribuamos com nossos sacerdotes, pastores, missionários, mentores, medianeiros, pois a mensagem do Senhor há que ser propagada sempre, porém conjugando-se vivacidade e prudência. Não tenhamos dúvidas, pois “o Senhor levantará pastores que, efetivamente, apascentarão as Suas ovelhas que nunca mais temerão, nem se assombrarão” (Jr 23,4) Vigilância, sempre pois “nós recebemos não o espírito do mundo, mas o Espírito que vem de Deus, para que conheçamos os dons que Deus nos concedeu” (I Co 2,12) O Senhor nos proverá de bons e justos pastores, contratará tarefeiros idôneos, pacíficos e operosos para Sua vinha e “restituirá aos povos uma língua pura para que todos invoquem o Eterno e O sirvam no mesmo espírito” (Sofonias 3:9)

“A morte é a curva da estrada
Morrer é só não ser visto
Se escuto, eu te ouço a passada
Existir como eu existo” (Fernando Pessoa)

EFEITOS DA PANDEMIA

“Sustai vossos passos e escutai: informai-vos sobre os antigos caminhos, vede qual a senda da salvação; segui-a e encontrareis quietude para vossas almas” (Jr 6,16)

A humanidade passa, ao longo do tempo, por várias mudanças, algumas perceptíveis, aceleradas, sentidas na pele; outras subreptícias, subliminares, ou ainda aquelas que não podemos ou não queremos perceber. Tudo, contudo, tem duas faces. A pandemia, que hoje assola o mundo, com o distanciamento social, a ceifa de milhares de vidas, o encolhimento da economia e do emprego, levou-nos, por outro lado, a situações positivas e surpreendentes, como o “home office” (milhões de pessoas trabalhando em casa e não nas sedes das empresas) gerando maior satisfação e motivação com o trabalho, maior segurança, redução de custos, de estresse e riscos com deslocamentos viários, maior contato com a família, em grande parte por força dos aprimoramentos tecnológicos hoje disponíveis. Barreiras entre o mundo real e o virtual foram derrubadas, estimulando-se a a comunicação e a gestão via digital. Afinal, a pandemia exibiu-nos fragilidades insustentáveis que exigirão profundas revisões de mentalidade, governança, operacionalização, enfim transformações se processando, a toda velocidade, com potencial para alterar substancialmente a sociedade do futuro.

Temas como a redução de consumo de energia e combustível poluentes (petróleo), melhoria da preservação ambiental, em especial a qualidade do ar, água, alimentos, saneamento, gestão de resíduos, a biodiversidade e sustentabilidade planetária, que se farão cada vez mais presentes – senão ferventes – em nosso dia a dia, envolvendo autoridades, empresários, cientistas e população. Mudanças no mercado e no consumo, priorizando-se itens essenciais como saúde, alimentação, saneamento, bem estar social, vida saudável. Ganha hoje importância, em todo o mundo, a chamada “retomada verde” (Green new deal), mediante um grande pacto social para revisão/repensamento das práticas de criação, distribuição e consumo da riqueza produzida. Movimento que prioriza a solidariedade, a intercooperação, a educação, ciência, como meios de se enfrentar a atual pandemia, bem como a minimização de impactos climáticos; um pacto ou processo de reinvenção da humanidade, que se concretizado, propiciará mudanças e rupturas inusitadas na economia global, envolvendo setores como energia, alimentos, transportes, informação, produção. O consumidor será cada vez mais exigente quanto à transparência, eficiência, segurança sanitária dos alimentos e produtos disponibilizados pelo mercado. Cidades autossustentáveis, saneadas, verdes com valorização da cultura, artes, ciência, memória histórica, gerando crescimento inclusivo, participativo. Uma nova revolução verde que surge. Um sistema fundado e fundamentado no bom senso, no diálogo, na solidariedade, compromissado com a paz e o progresso integrado da humanidade.

Uma preocupação universal com a sustentabilidade ambiental e agroalimentar, o respeito à natureza e à biodiversidade, a valorização dos recursos naturais, a prática do lazer sadio, à regeneração de nossas relações para com o planeta-lar (Terra). No campo pessoal e empresarial, o fortalecimento da empatia, da sensibilidade, onde indivíduos e especialmente as empresas terão que se conscientizar e se concentrar quanto ao bem comum, à valorização do contato social, à pluralidade étnico-cultural. A mídia vem exibindo práticas saudáveis pela população durante a pandemia como o cultivo doméstico de flores, hortaliças, ervas medicinais, frutas, a preocupação com a qualidade do ar, água, energia alternativa (solar, eólica), práticas de meditação, oração, religiosidade, quicá um bom começo para um despertar consciente da humanidade.



INCONFIDENTES COM PROPRIEDADES EM NOSSA REGIÃO - OS CASOS DE PE CARLOS CORREIA DE TOLEDO, CEL. FRANCISCO ANTONIO DE OLIVEIRA LOPES E CAP. JOSÉ DE RESENDE COSTA

A Coroa Portuguesa julgou e condenou 24 participantes da denominada Inconfidência Mineira, movimento sedicioso - com fortíssimas e inquebrantáveis raízes em nossa região - que pretendia libertar o Brasil do jugo lusitano, abortado pelas autoridades coloniais em 1789. Todos tiveram seus bens confiscados pela Coroa, através de Autos de Sequestro e levados a priori a leilão. Uma verdadeira devassa foi realizada pelas autoridades sobre - e quanto - ao patrimônio (bens pertencentes a cada inconfidente réu) envolvendo dinheiro em moeda, dívidas ativas e passivas, sesmarias, terras de cultura, rebanhos, ouro e prata armazenados, lavras minerais, utensílios agrícolas e de mineração, vestuário, objetos de casa e de valor artístico, livros, escravaria. Os escravos detinham, por sua vez, considerável valor, avaliados muito especialmente quanto à sua idade, estado de saúde, sexo, o domínio de ofícios mecânicos (alfaiataria, ferraria, carpintaria, barbearia, tropeiragem etc) e mesmo a relação existente entre o avaliador e o dono da escravaria.

“O preço do escravo é um jogo de variáveis, algumas das quais totalmente alheias ao próprio escravo e outras, ao contrário, intimamente ligadas à sua pessoa. O preço do escravo depende da concorrência, da distância entre o porto de embarque e o ponto de venda, da especulação, da conjuntura econômica, depende ainda de sua idade, sexo, saúde, de sua qualificação profissional” (Kátia de Queiroz Mattoso - “Ser escravo no Brasil” São Paulo, Ed. Brasiliense, 1990, pp. 77/78)

A Comarca do Rio das Mortes participaria, ativa e intensamente, do tráfico internacional de escravos, sendo valorizadíssimos os de origem africana, conforme demonstram/apontam estudos de inúmeros e renomados pesquisadores como Douglas Cole Libby, Clotilde Andrade Paiva, Francisco Vidal Luna, Iraci del Nero Costa, José Newton Coelho Menezes, André Figueiredo Rodrigues, Lair Bergad, Sílvia M. Jardim Brugger etc As propriedades da região dependiam da mão de obra cativa para a manutenção das atividades produtivas nas fazendas, ampliação de posses, gerando preços elevados, em especial pós-1850, ante as restrições governamentais e internacionais abolicionistas. A comarca do Rio das Mortes foi um dos territórios, especialmente o distrito da Lage (Resende Costa), que mais resistiram/procrastinaram o final da escravidão, conforme estudos de tantos historiadores regionais como Paula Chaves Teixeira Pinto, Maria Lúcia R. Chaves Teixeira, Maristela de Oliveira Peluzi.

Uma considerável parte dos rebeldes (inconfidentes) eram moradores da Comarca do Rio das Mortes ⁽¹⁾, alguns deles grandes latifundiários e proprietários de escravos, pertencentes às mais importantes e tradicionais famílias da região e da Capitania. Dentre os inconfidentes, alguns muito ligados ao nosso meio, como o Pe. Carlos Correia de Toledo e Melo, Cel. Francisco Antonio de Oliveira Lopes e Cap. José de Resende Costa, que aqui residiam e/ou desenvolviam atividades econômicas, profissionais e sociais de considerável porte e que farão parte, a seguir, de nossas ligeiras considerações.

PE. CARLOS CORREIA DE TOLEDO E MELO

Natural de Taubaté (SP), onde nasceu em 1730, filho de Timóteo Correia de Toledo e Ursula Izabel de Melo, cristãos velhos. Era irmão de outro inconfidente, Luiz Vaz de Toledo Piza, também preso e condenado ao degredo ⁽²⁾. Pe. Carlos Toledo era, à época de sua prisão, vigário da paróquia de Santo Antonio na vila de São José Del-Rei (hoje Tiradentes). Condenado por participação na Inconfidência Mineira, da qual era um dos mais ativos conspiradores, Pe. Carlos Toledo foi aprisionado na Fortaleza de São João da Barra e depois na clausura dos franciscanos de Lisboa (onde hoje é a Academia de Belas Artes da Universidade de Lisboa) ai falecendo em 1803 ⁽³⁾.

Homem de muitas posses, teve 31 escravos apreendidos pela Coroa Portuguesa sendo 28 homens (90,32%) e 3 mulheres (9,68%) - ano de 1789. Sabe-se que alguns de seus escravos detinham qualificações específicas: dois eram músicos, um alfaiate, um com prendas domésticas e um tropeiro (transporte e cuidados com gado) Sete de seus escravos estavam alocados em suas lavras na Fazenda Monte Alegre, Aplicação de São Tiago, em sua maioria idosos ou doentes e que aparecem mencionados nos “Autos de Sequestro” ⁽⁴⁾.

“Ao ser preso em 1789, o Padre Toledo teve apreendido pela devassa cinco propriedades e duas moradas de casa, sendo uma delas localizadas na vila de São José, atual Museu Padre Toledo na rua do Sol; uma fazenda no arraial da Lage com casas, moinho e engenho e um serviço mineral na Aplicação de São Tiago

[HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG/DIVULGAÇÃO](https://pt.wikipedia.org/divulga%C3%A7%C3%A3o)



Casa do Padre Toledo no antigo Arraial da Lage

em sociedade com o doutor Manuel Rodrigues Pacheco Morais. Além destes bens de raiz, teve ainda sequestrados 31 escravos, 37 ferramentas minerais e 6 utensílios agrícolas” (André Figueiredo Rodrigues – “Estudo econômico da Conjuração Mineira: análise dos sequestros dos bens dos inconfidentes da Comarca do Rio das Mortes” São Paulo, USP, 2008, p. 8)

Sua casa em São José contava com cavalaria, oficinas avaliadas em 3:600\$000 rei; uma biblioteca com 105 volumes. Casa com excelente mobiliário como sofás, mesas de jogos, cama baldaquino de damasco e cabeceira dourada, cadeiras, mesas, espreguiçadeiras. Mobiliário de qualidade assim como a prataria, quadros, louças de Lisboa e da Índia. Decoração com retrato do Rei D. José com dossel vermelho. Os tetos do solar eram decorados em estilo rococó com temas da mitologia peculiares ao gosto dos poetas árcades. Todos os seus bens e pertences, apreendidos pela Coroa Portuguesa, ficaram depositados sob a guarda do Cap. Antonio Vidal Riforme, ignorando-se o destino dado aos mesmos (provavelmente leiloados). Um dos mais atuantes no malogrado movimento, aliciando milicianos e colocando à disposição 150 homens armados e montados, todos de suas fazendas e minerações (Autos de sequestro dos bens do vigário Carlos Correia de Toledo e Melo – IHGB DL 101.3 fls. 9, 7v, 5v, 13-13v)

O gerenciamento de seus bens sequestrados geraria indignação por familiares, em especial do Pe. Bento Cortes de Toledo, procurador e irmão de Pe. Carlos Toledo que “testemunhando o modo irregular com que os depositários dos bens sequestrados a seu irmão, estavam se utilizando dos mesmos, dirigiu reclamação ao doutor Luis Ferreira de Araújo e Azevedo, ouvidor e corregedor da comarca do Rio das Mortes em São João del-Rei, chamando a atenção daquela autoridade judicial para os fatos que relatava e pedindo providências acauteladoras para o “removimento dos bens sequestrados das mãos dos depositários deles” (André Figueiredo Rodrigues, op. cit. P. 72)

Os escravos de Pe. Carlos Toledo foram avaliados pelo preço médio de 65\$962 réis per capita, enquanto, no mesmo período, a média de mercado na Capitania era de 75\$000 réis. O escravo mais bem avaliado de seu plantel foi o crioulo Alberto, 21 anos, no montante de 120\$000 réis e o menor avaliado foi a crioula Maria, 60 anos, por 4\$000 réis, esta, por sinal, alocada nas lavras de São Tiago (Fazenda Monte Alegre, de propriedade de Pe. Carlos Toledo) 13 de seus escravos sequestrados pela Devassa, encontravam-se no domicílio 33 da capela da Lage, chefiado por D^a Gertrudes Maria de Camargo (Fonte: Carlos O. Malaquias – “Remediados Senhores: pequenos escravistas na freguesia de São José do Rio das Mortes” BH, UFMG, 2014, p. 86)

“O Alferes Antonio Álvares Correia, responsável pelo gerenciamento da paragem que o Padre Toledo tinha “ao pé da Lage, termo da vila de São José” foi acusado de residir longe da propriedade e, por isso, não despender o esforço necessário para sua perfeita administração. As acusações contra seu primo, o Tenente Manuel Francisco de Toledo, foram mais ríspidas, ao acusá-lo de permitir

que seus escravos sequestrados, deixassem o trabalho em atividades de mineração nas terras do Padre Toledo para praticarem fisqueiras por conta própria e com os lucros obtidos nessas jornadas, tais escravos adquiriam bebidas e gêneros alimentícios vendidos por sua esposa na paragem do Monte Alegre da Aplicação de São Tiago, lucrando com a desgraça alheia” (André Figueiredo Rodrigues – “O sequestro dos bens como fonte de pesquisa para o estudo da Inconfidência Mineira” – Revista Mnemosine vol. 3, nº 2, julho/dezembro 2012, Universidade Federal de Campina Grande/PB, p. 14 – IHGB 1789 DL 101.3 fls.9, 7v, 5v e fls. 13-13v) ⁽⁵⁾

Além de Pe. Carlos Correia de Toledo e Melo (1730-1803), os seguintes sacerdotes se envolveram diretamente no movimento inconfidente, sendo presos, expropriados e degredados para Portugal: Pe. Manuel Rodrigues da Costa (1754-1844), Pe. José da Silva e Oliveira Rolim (c.1747-1835), Pe. José Lopes de Oliveira (1740-1796) e Cônego Luiz Vieira da Silva (1735-1809)

Sobre Pe. Carlos Correia de Toledo e Inconfidência Mineira ver matérias em nosso boletim CII – março/2016, CIII – abril/2016 e CXV – abril/2017.

CEL. FRANCISCO ANTONIO DE OLIVEIRA LOPES

Natural da Borda do Campo (Barbacena) onde nasceu em 1726 (Batizado aos 01-05-1726 na capela de Nossa Senhora da Piedade) Coronel do Regimento de Cavalaria Auxiliar da vila de São José, fazendeiro e minerador, filho de José Lopes de Oliveira e Bernardina Caetana do Sacramento. Primo de outro inconfidente o Dr. Domingos Vidal Barbosa Lage. Uma outra prima, Bernardina Quitéria era casada com o Cel. Joaquim Silvério dos Reis, delator da Inconfidência Mineira. O Cel. Francisco Antonio de Oliveira Lopes era casado com D^a Hipólita Jacinta Teixeira de Melo, mulher de família rica e de notáveis iniciativas, não tendo geração. Adotaram a Antonio Francisco Teixeira Coelho (1764-1851), oficial da Ordem da Rosa e Barão da Ponta do Morro. Proprietários da Fazenda da Ponta do Morro em Prados e com propriedades da Fazenda da Lage (Resende Costa). Homem obeso, falante, impetuoso tinha o apelido de “Come-lhe milho”

Foi o inconfidente que, durante os interrogatórios, mais revelações fez sobre o movimento sedicioso. Buscou, de todas as formas, arregimentar e sublevar as forças militares da Capitania, mesmo já denunciado o movimento. Tido como o mais loquaz e imprudente dos inconfidentes. Condenado ao degredo perpétuo em Moçambique, partiu aos 25-05-1792 em companhia de mais dois expatriados Tomás Antonio Gonzaga e José Aires Gomes, morrendo em Mossuril (1794) Sua esposa, D^a Hipólita Jacinta, uma das heroínas da Causa Inconfidente, lutou tenazmente, com todas as suas forças e de todos os meios ao seu alcance, para libertar o marido. Ela é autora do famoso bilhete: “Tiradentes foi preso no Rio. Quem não é capaz para as coisas não se meta nelas. É melhor morrer com honra que viver em desonra. Quem não reagir será preso. Convoquem a tropa do Serro e façam um VIVA O POVO!” O Cel. Francisco Antonio de Oliveira Lopes e o Pe. Carlos Correia Toledo foram os únicos a insistirem na deflagração do movimento, mesmo após a suspensão da Derrama pelas autoridades coloniais.

O Cel. Francisco Antonio de Oliveira Lopes teve 74 escravos listados e sequestrados pela Coroa Portuguesa, sendo 57 homens (77,03%) e 17 mulheres (22,97%) – ano 1789. Outros 74 cativos, segundo historiadores, foram omitidos, fugindo, assim, ao sequestro. Dos apreendidos pelas autoridades régias, 28 deles foram avaliados oficialmente em 1:590\$200 réis. Dentre os escravos com áreas ou atividades específicas, encontramos 4: dois ferreiros, um deles Luis Vieira Pardo, avaliado com o exorbitante, senão inacreditável valor de 170\$000 réis, um barbeiro, e um cativo de nome Manuel Crioulo com prática de mineração, avaliado em 60\$000 réis. Os Autos descrevem a avaliação individualizada dos demais cativos, inclusive de 12 mulheres, a exemplo de Feliciano avaliada

em 100\$000 réis; Damiana Crioula, 22 anos, e Inês Parda, 20 anos, avaliadas em 80\$000 réis cada. As doze referenciadas atingiram o valor total de 600\$000 réis, denotando a variabilidade e heterogeneidade de tais avaliações. O menor valor per cápita que se apurou foi o da crioula Brigida, 25 anos, que recebeu o preço de 35\$000 réis. O depositário dos bens do Cel. Francisco Antonio de Oliveira Lopes foi o Cap. Pedro Joaquim de Melo (IHGB DL 3.4)

[HTTPS://PT.WIKIPEDIA.ORG/DIVULGAÇÃO](https://pt.wikipedia.org/divulgação)



Casa do Inconfidente José de Resende Costa – Resende Costa/MG

CAP. JOSÉ DE RESENDE COSTA

Natural do arraial de Prados onde nasceu em 1730. Batizado na igreja Matriz de Prados aos 13-06-1730, filho de João de Resende Costa (+ 08-03-1758) e Helena Maria de Jesus, uma das célebres “Três Ilhoas”⁽⁶⁾. Casado com D^a Ana Alves Preto, com quem teve 2 filhos: I – José de Resende Costa (homônimo do pai), também participante da Inconfidência Mineira, nascido em 1766 na vila da Lage (Resende Costa), tendo retornado ao Brasil, ainda em vida, após degredo em Cabo Verde e Portugal, falecendo no Rio de Janeiro aos 17-06-1841.⁽⁷⁾ II – Francisca Cândida de Resende c/c Capitão-mór Gervásio Pereira de Alvim.

O Cap. José de Resende Costa faleceu em Cacheu, sendo sepultado no cemitério da igreja de Nossa Senhora da Natividade (1798) Seus restos mortais (fragmentos de crânio) foram recolhidos em 1930, repatriados para o Brasil e reconhecidos através de exames de tomografia computadorizada, permitindo sua reconstituição facial, achando-se hoje no Panteão dos Inconfidentes em Ouro Preto. Homenageado pelo distrito da Lage, onde tinha propriedades, dentre elas a Fazenda Campos Gerais da Lage, com a denominação da hoje próspera cidade de Resende Costa.

A época da prisão, José de Resende Costa residia em sua fazenda chamada “Boa Vista dos Campos Gerais da Lage”, no arraial da Aplicação de Nossa Senhora da Penha de França da Lage (hoje Resende Costa). Era capitão do Regimento de Cavalaria Auxiliar da vila de São José, com jurisdição sobre os arraiais da Lage e Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis) Teve 31 escravos apreendidos pela Coroa, sendo 24 homens (77,42%) e 7 mulheres (22,58%), vários deles com problemas de saúde – ano de 1791. O escravo com maior avaliação foi Cosme, 36 anos – montante de 120\$000 réis e o menor foi Antonio, 80 anos, de procedência Mosonso, avaliado por 5\$000 réis. Nos “Autos de Sequestro” de José de Resende Costa foram discriminados um “espelho grande com moldura dourada” avaliado em 10\$000 réis; uma “bigorna grande” avaliada igualmente em 10\$000 réis; um “tear de tecer algodão” por 4\$000 réis; um “cavalo baio” por 40\$000 réis; uma “morada de casas asobradadas, cobertas de telha e assoalhadas com quintal murado de pedra” no arraial da Lage avaliada(s) em 80\$000 réis (ADIM 1982 v.6, pp. 340/343)

José de Resende Costa, pai e filho, foram condenados ao exílio na ilha de São Tiago de Cabo Verde por 10 anos. O pai ali trabalhou

ali como contador, inquiridor e distribuidor da Ouvidoria até seu falecimento (1798). O filho, por sua vez, ajudou na secretaria do Governo como oficial de escrituração do Real Contrato e provedor da Real Fazenda. Em 1803, requereu licença para mudar-se para Lisboa, onde atuou até 1809 como escriturário do Erário Régio. Nomeado por d. João VI para administrador da fábrica de lapidação de diamantes no Rio de Janeiro, ali ocupando várias e importantes funções técnico-administrativas até 1827.

NOTAS

(1) Foram sete os conjurados da Comarca do Rio das Mortes que tiveram bens e escravos sequestrados: o Pe. Carlos Correia de Toledo e Melo, Luiz Vaz de Toledo Piza (irmão de Pe. Carlos Toledo), Francisco Antonio de Oliveira Lopes, José Aires Gomes, Pe. Manuel Rodrigues da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto, José de Resende Costa. Tiveram eles apreendidos, ao todo, 442 cativos, sendo 361 do sexo masculino (81,67%) e 81 do sexo feminino (18,33%)

Dos 442 escravos apreendidos, 159 eram nascidos no Brasil (35,98%) e 279 eram originários da África (63,12%) e apenas 4 sem descrição da origem (0,9%) Sinal de que os citados proprietários estavam conectados ao comércio negreiro, pois a maioria dos cativos eram oriundos do continente africano.

(2) Família de religiosos e cristãos velhos, Pe. Carlos Toledo tinha um irmão também sacerdote Pe. Bento Cortes de Toledo, que foi capelão da freguesia de Nossa Senhora de Oliveira e ainda seu coadjutor na matriz de Santo Antonio em Tiradentes; o irmão Frei Antonio de S. Vasula Rodvalho, bispo de Angola, além de duas irmãs freiras. O próprio pai, após enviivar-se, tomou o hábito religioso.

(3) Pe. Carlos Toledo e os demais eclesiásticos inconfidentes (réus), todos de expressiva relevância dentro do movimento sedicioso, foram encaminhados no dia 24 de junho de 1792 para Portugal, a bordo da fragata Golfinho.

(4) Crioula Maria, 60 anos, avaliada em 4\$000 réis; Tomás Angola “falso de vista” avaliado em 27\$000 réis; João Mina e Manoel Monjolo com a indicação de “quebrados da perna” avaliados, respectivamente, em 25\$000 e 30\$000 réis; Crioulo Custódio que viria a falecer em 02-06-1790

(5) O Alferes Antonio Álvares Correa é irmão de João Álvares Correa, proprietário, no final do século XVIII, da fazenda Ribeirão ou Córrego das Almas (Cruz das Almas) no município de São Tiago. Sobre a família Álvares Correa, com propriedades e povoadores de nosso meio (atual município de São Tiago) ainda falaremos oportunamente nesse boletim.

(6) João de Resende Costa era natural da freguesia de Nossa Senhora da Assunção, vila do Porto, ilha de Santa Maria, arquipélago dos Açores.

Helena Maria de Jesus era natural da freguesia de Nossa Senhora das Angústias, vila Horta, bispado de Angra, ilha de Faial, arquipélago dos Açores.

As Iendárias “Três Ilhoas” – as irmãs Helena Maria de Jesus c/c João de Resende Costa; Catarina de São José c/c Caetano de Carvalho Duarte; Júlia Maria da Caridade c/c Diogo Garcia – foram as matrizes de grandes famílias do País, em especial a Resende, a Junqueira e a Carvalho.

(7) Ambos os Resende Costa, pai e filho, foram degredados em 1792 para a Ilha de São Tiago de Cabo Verde. O pai, já doente, com 62 anos, viria a falecer em Ribeira Grande (1798) Por outro lado, José de Resende Costa (filho) então com 27 anos, após 10 anos no exílio, conseguiu autorização em 1803 para ir para Portugal e depois para o Brasil, aqui ocupando importantes funções administrativas e políticas, dentre elas a de conselheiro e deputado do Império. Faleceu aos 76 anos de idade (17-06-1841) no Rio de Janeiro. Foi o penúltimo dos inconfidentes a falecer (o último foi o Pe. Manuel Rodrigues da Costa, n. de Conceição de Ibitipoca e residente em Barbacena, em 1844).

CURIOSIDADE – O relógio de bolso banhado a prata, pertencente ao Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, atualmente exposto no Museu da Inconfidência em Ouro Preto, foi arrematado no leilão realizado em 11-11-1789 pelo valor de 13\$400 réis por José Mariano de Azevedo Coutinho (ADIM 1982, vol. 6, pp. 254/255)

CLARICE LISPECTOR

Centenário de nascimento – 1920 – 2020

De nacionalidade ucraniana, Clarisse Lispector nasceu aos 10 – 12 – 1920 na cidade de Tchetchnik. De família judia, foi registrada como Haya Pinkhasovna Lispector. Seus pais Pinkhas Lispector e Mania Krimgold Lispector, passaram parte da vida fugindo às perseguições aos judeus durante a Guerra Civil Russa (1918 – 1920) e as campanhas antisemitas na Europa.

Chegaram ao Brasil em 1921, vivendo em Maceió, Recife e Rio de Janeiro, passando muitas privações financeiras.

Desde criança Clarice estudou várias línguas (português, francês, inglês, iídiche, hebraico) além de piano. Excelente aluna na escola, gostando sempre de escrever.

Órfã de mãe aos 10 anos e de pai aos 20. Estuda direito na universidade do Brasil, além de cursos de antropologia, jornalismo e psicologia. Exerce as atividades de redatora e repórter da Agência Nacional, do Correio da Manhã e Diário da Noite.

Casou-se em 1943 com o diplomata Maury Gurgel Valente, com quem teve dois filhos Pedro (diagnosticado com esquizofrenia) e Paulo que era afilhado do escritor Erico Verissimo. Devido a profissão do marido, viveu em muitos países, dentre eles Itália, Suíça, Inglaterra, Estados Unidos. Separando-se do marido em 1959, retornou ao Brasil, em companhia dos filhos.

Naturalizada brasileira – ela dizia ser pernambucana – faleceu aos 09-12- 1977 no Rio de Janeiro, vítima de câncer de ovário

Uma das maiores escritoras brasileiras pertencentes -segundo os críticos- a terceira fase do modernismo brasileiro (Geração de 45). Escreveu romances, contos, crônicas, poemas, literatura infantil.

Autora complexa, dotada de uma personalidade densa e enigmática, provocando por vezes espanto e mistério em seus textos, objeto de intensos estudos por parte de críticos literários, psicólogos e leitores.

Detentora de um dos estilos mais intrigantes e inqualificáveis de nossa literatura. Recebeu diversos prêmios dentre eles o Prêmio da Fundação Cultural do Distrito Federal e o Prêmio Graça Aranha. Autora de textos intimistas com inconfundíveis – e por vezes inesperadas – decisões psicológicas e epifanias. Suas personagens, geralmente mulheres, vivenciam situações cotidianas, triviais, passado por diversos conflitos psicológicos e subjetivos. A personagem é levada a compreender algo novo sobre si ou a realidade circundante, gerando significados simbólicos e processos (auto) reflexivos.

ALGUMAS DE SUAS OBRAS:

- Perto do coração selvagem (1942)
- O Lustre (1946)
- A Cidade Sitiada (1949)
- Laços de Família (1960)
- A Maça no Escuro (1961)
- A Legião Estrangeira (1964)
- A Paixão segundo G.H (1964)
- O Mistério do Coelho Pensante (1967)
- A Mulher que Matou os Peixes (1968)
- Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres (1969)
- Felicidade Clandestina (1971)
- Água Viva (1973)
- A Imitação da Rosa (1973)
- Via Crucis do Corpo (1974)
- Onde Estivestes de Noite? (1974)
- Visão do Esplendor (1975)
- A Hora da Estrela (1977)



MODERNIDADE LÍQUIDA - O EU MÍNIMO

“Narciso acha feio o que não é espelho e a mente apavora”
(Caetano Veloso – “Sampa”)

Tempos de instabilidades, ansiedades, angústias, insegurança – a era da “modernidade líquida” no dizer do respeitado filósofo polonês Zigmunt Bauman⁽¹⁾ falecido em 2017. A identidade humana amparada em realização pessoal, em sucesso profissional e dessa forma liquefeita em valores econômicos distorcidos, utilitários, frágeis que escorrem como um boneco de neve exposto ao sol. A desintegração individual e social, o medo do abandono, da perda. . Uma sociedade que cultua o mítico, o padrão olímpico, a riqueza, o porte atlético, a performance, o look, o ser bem sucedido, não importa como! O mundo da aparência, do narcisismo, da fantasia e, no fundo, da insegurança, do personalismo, da dependência, da necessidade de ser certificado/validado pelo outro...

Christopher Lasch⁽²⁾ em suas admiráveis obras “A Cultura do Narcisismo” (1979) e “O Mínimo Eu” (1984) aborda igualmente a contração e contradição do indivíduo, sua preocupação com a sobrevivência, a insegurança quanto ao futuro, daí ao individualismo que leva ao “eu sitiado” “O risco da desintegração individual estimula um sentido de individualidade, que não é soberano nem narcisista, mas simplesmente sitiado” afirma Lasch. Curiosamente, o apego a si mesmo, o autorreferenciamento, autoadmiração acabam por resultar em ruptura, em uma individualidade doentia, em um poço existencial insipido...

O sentido da vida é (man)termos relacionamentos pessoais substanciais, sustentáveis, plenos de humanismo, diálogo, de vínculos que levam a realizações comuns, o disciplinado da fraternidade, a depuração do coração, a magia da cooperação, da solidariedade, do divino compartilhamento. Percebemos nossa inteira debilidade ao enfrentarmos os problemas cotidianos, mas sensivelmente as tragédias, pandemia⁽³⁾, hecatombes.

NOTAS

(1) Zigmunt Bauman (1925-2017), pensador polonês de grande reconhecimento internacional, cuja leitura de suas obras recomendamos pela extrema atualidade. Criador da expressão “modernidade líquida” em referência aos tempos de volatilidade, de instabilidade em que vivemos. Uma era mutante, quando não caótica, onde tudo é adaptável, desconectável, como relacionamentos, profissão, religião; onde nada é durável e o que conta é a quantidade, a satisfação sensorial, tal qual sucede nos produtos que consumimos.

(2) Robert Christopher Lasch (1932-1994) pensador americano de muita lucidez e análise humana e social. Alguns de seus conceitos:

• Os profissionais investem seu interesse no descontentamento, uma vez que, estando descontentes, as pessoas voltam-se para os serviços profissionais. Ai está o mesmo princípio que forma a base de todo o capitalismo moderno, o qual continuamente cria novas demandas e novos descontentamentos que só podem ser amenizados pelo consumo de mercadorias. É a estratégia do entorpecimento do cidadão”

• “A ética do prazer substitui a ética da realização e o hedonismo contemporâneo, do qual a prostituta – que se vende para viver – é o símbolo máximo, tendo sua origem não na busca do prazer, mas numa guerra de tudo contra tudo, no qual as relações mais íntimas tornam-se uma forma de mútua exploração”

• “Todas as liberdades do capitalismo resumem-se na mesma coisa – na mesma obrigação universal de sentir e dar prazer”

• “A publicidade moderna procura promover, não tanto a autoindulgência, mas a autodúvida. Ela procura criar necessidades e não satisfazê-las; gerar sempre novas ansiedades em vez de atenuar as antigas...”

• “Interrogamos muito a life (vida) e tão pouco a nós mesmos”

(3) “A morte subiu pelas nossas janelas, entrou em nossos palácios, arrancou das ruas as crianças e os jovens das praças” (Jr 9,21)

FOLCLORE RUSSO

A menina sábia

Eram dois irmãos que viajavam juntos. Um pobre, o outro rico: o primeiro montado numa égua, o rico num capão. Ao anoitecer, os dois pararam, um ao lado do outro. Durante a noite, a égua do pobre pariu um potrinho.

Entretanto, aconteceu do pequeno animal rolar para baixo do táburi do rico e, ao amanhecer, o rico foi acordar o pobre dizendo:

- Levante-se irmão. No meio da noite meu táburi deu à luz um potrinho.

- Como é possível um táburi dar à luz um cavalo? - retornou o irmão, levantando-se. - É evidente que foi a minha égua que pariu.

- Se a sua égua fosse a mãe - raciocinou o rico, - o potro teria sido encontrado ao lado dela, não debaixo do meu táburi.

Para resolverem a questão, os irmãos foram procurar as autoridades. O rico ofereceu dinheiro aos juizes, ao passo que o pobre precisou valer-se apenas das palavras. O caso acabou chegando aos ouvidos do próprio czar, que convocou os dois irmãos e lhes propôs quatro charadas: "Qual é a coisa mais forte e mais rápida do mundo? Qual a coisa mais gorda? Qual a coisa mais macia? E qual a coisa mais adorável?" O czar concedeu-lhes três dias.

- No quarto dia deverão retornar com as respostas.

O irmão rico pensou, e pensou, e pensou, até que se lembrou de sua madrinha, e resolveu ir procurá-la para pedir conselhos. A madrinha convidou-o a sentar-se à mesa, ofereceu-lhe comida e bebida, e perguntou:

- Por que está triste, afilhado meu?

- O czar me propôs quatro charadas, e tenho apenas três dias para encontrar as respostas.

- Quais são as charadas? Conte para mim.

- Bem, madrinha, a primeira é: "Qual é a coisa mais forte e mais rápida do mundo?"

- Esta não é difícil. Meu marido tem uma égua; nada no mundo é mais rápida. Quando a chicoteamos, ela corre mais que uma lebre.

- A segunda é: "Qual a coisa mais gorda do mundo?"

- Estamos engordando um porco malhado há dois anos, e o bicho está tão gordo que mal consegue manter-se em pé.

- A terceira é: "Qual a coisa mais macia do mundo?"

- Todos sabem isso: são as plumas do éider. Não há nada mais macio do que elas.

- E a quarta charada é: "Qual a coisa mais adorável do mundo?"

- Ora, a coisa mais adorável do mundo é meu neto, Ivanushka.

- Obrigado, madrinha. Bons foram seus conselhos. Permanecerei grato pelo resto da minha vida.

O irmão pobre, por sua vez, chorou amargamente e acabou indo para casa. Ao chegar, sua filha de sete anos (sua única e adorada filha) perguntou-lhe:

- Por que está suspirando e chorando, papai?

- Como poderia não estar suspirando e chorando? O czar me propôs quatro charadas e eu jamais conseguirei resolvê-las.

- Quais são as charadas, papai? Conte para mim.

- São essas, querida filha: "Qual é coisa mais forte e mais rápida do mundo? Qual a coisa mais gorda? Qual a coisa mais macia? E qual a coisa mais adorável?"

- Papai, vá ao czar e diga-lhe que a coisa mais forte e mais rápida do mundo é o vento; a mais gorda é a Terra, que alimenta tudo que vive e cresce; a mais macia é a mão, pois onde quer que um homem se deite, sempre põe a mão sob a cabeça; e não há nada mais adorável no mundo do que o sono.

Os dois irmãos, o pobre e o rico, retornaram à presença do czar. O czar ouviu as respostas com atenção e em seguida perguntou ao pobre:

- Você resolveu essas charadas sozinho, ou alguém as resolveu por você?

- Majestade - respondeu o pobre, - eu tenho uma filha de sete anos, e foi ela quem me deu as respostas.

- Se a sua filha é tão sábia, eis aqui um fio de seda: que ela me teça uma toalha bordada até manhã de manhã.

O pobre camponês pegou o fio de seda e voltou para casa triste e agoniado.

- Estamos em apuros, minha filha. O czar ordenou que você lhe tecesse uma toalha com este fio.

- Não fique desolado papai - disse a garotinha. E, quebrando um ramo de giesta, entregou-o ao pai. - Vá ao czar e peça-lhe que encontre um artífice capaz de fazer um tear com este ramo. Nele eu tecerei a toalha que me pede.

Assim fez o camponês. O czar ouviu-o e em seguida deu-lhe cento e cinquenta ovos, dizendo:

- Dê esses avos a sua filha. Que ela choque e faça nascer cento e cinquenta pintinhos até amanhã.

O camponês voltou para casa, ainda mais triste e agoniado do que antes.

- Ah, minha filha. Você mal saiu de uma enrascada e outra já lhe cai em cima.

- Não se desespere, papai - consolou a garotinha, pondo imediatamente os cento e cinquenta ovos para cozinhar. - Diga ao czar que os pintinhos precisam ser alimentados com milho miúdo de um só dia. Diga a ele que, em um só dia, um campo precisa ser arado e o painço semeado, colhido e debulhado. Nossos pintinhos recusam-se a bicar qualquer outro tipo de grão.

O czar ouviu o que o pobre camponês tinha a dizer e respondeu:

- Já que sua filha é tão sábia, que ela compareça aqui amanhã de manhã. Mas não quero que venha nem a pé nem a cavalo, nem nua nem vestida, nem com presente nem sem presente.

- Nem mesmo minha filha conseguirá resolver charada tão difícil", pensou o camponês. "Estamos perdidos desta vez."

- Não se aflija, papai - disse a garotinha mais uma vez. - Procure os caçadores e compre para mim uma lebre viva e uma codorna viva.

Assim fez o pai, e entregou à filha uma lebre viva e uma codorna viva.

No dia seguinte, a garotinha tirou sua roupa, vestiu uma rede de filô, tomou a codorna nas mãos, sentou-se sobre a lebre e foi até o palácio. O czar foi encontrá-la nos portões. A menina curvou-se em saudação:

- Eis um pequeno presente, Majestade.

E entregou a codorna ao czar, que estendeu o braço para pegar o presente. Mas de repente a codorna abanou as asas e saiu voando.

- Muito bem, - disse o czar. - Você agiu conforme eu ordenara. Agora me diga: se o seu pai é tão pobre, como é que vocês vivem?

- Meu pai pesca peixes na areia da praia, e nunca põe a isca na água. E eu faço sopa de peixe com minha saia.

- Você é uma idiota, menina! Os peixes não vivem na praia; os peixes vivem na água.

- E o senhor, Majestade? pensa que é sábio? Onde já se viu um táburi dar à luz um potrinho? Não são os táburi, mas as éguas, que dão à luz potros.

O czar concedeu o potro ao pobre camponês e levou a filha para o seu palácio. Quando cresceu, casou-se com ela e a menina tornou-se czarina.

Folclore Russo.

PINTURA DE PEDRO AMÉRICO/DIVULGAÇÃO



1870 – 2020 150 anos do fim da GUERRA DO PARAGUAI

Conflito que muitos historiadores chamam de “última guerra do Prata” e que envolveria, diretamente, de forma sanguinolenta e brutal quatro países sul-americanos: Brasil, Argentina, Uruguai (a denominada “Tríplice Aliança”) versus Paraguai. O maior conflito armado internacional ocorrido na América do Sul, durando de dezembro de 1864 a março de 1870.

Ao final do conflito, todos os países conflitantes achavam-se em ruína econômica, tendo o Paraguai, com a derrota, a sua população dizimada – restando praticamente velhos e mulheres – e perda de vastos territórios em especial para a Argentina e Brasil (40% de seu território).

Uma das consequências frontais no Brasil seria o enfraquecimento da monarquia passando a preponderar o predomínio militar cujas forças lutaram no campo de batalha onde muitos membros simpáticos à República positivista, desassociando-se do Império, engrossariam as hostes golpistas e usurpadoras do poder constitucional de então (Império).

Brasil perderia 60 mil homens no conflito e o Paraguai em torno de 300 mil pessoas entre militares e civis.

Não há “mocinhos” na trágica questão. O Brasil mantinha uma política intervencionista no Prata (mesmo após a perda da Província Cisplatina, hoje Uruguai) enquanto Argentina e Uruguai envolviam-se em desavenças internas, de que se aproveitaria o belicoso ditador Solano Lopes para também se envolver diretamente, pois desejava criar uma Potência Regional o Grande Paraguai, com a conquista de territórios do Brasil e Argentina e do Porto da Prata, o que lhe daria saída marítima para o Atlântico.

O tiro sairia pela culatra, custando caro ao país paraguaio, além de consequências econômicas e políticas, a médio prazo em toda a região.

(Sobre a Guerra do Paraguai ver matéria em nosso boletim nº XLIII - abril/2011)

Ouvindo e Comentando...



A cidade de Igaratinga é conhecida pela sua produção de artefatos de cerâmica, em especial tijolos dos mais variados modelos, telhas que abastecem praticamente o mercado nacional.

Os empresários ali trabalham em regime cooperativista. Preços unificados, compra em comum de algum produto, equipamentos, qualificação de pessoal.

Caso uma empresa receba um pedido ou demanda que ela não tenha condições de atender ela própria indica um concorrente que possa complementar a carga sem canibalismo de preços ou seja em qualquer das empresas o preço é sempre o mesmo, ninguém sabota o código de ética da associação. O preço combinado lá não tem intermediários de fornecedores que se enriquecem à custa dos produtores e empreendedores locais. Lá não tem “furadores” de olhos...



Há informações que a Cia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo vem elaborando estudos e projetos de salvaguarda, de segurança e sustentabilidade hídrica para aquele Estado, incluindo elegibilidade/inclusão de nascentes e mananciais de nossa região (Vertentes).

Toda o nosso território acha-se já mapeado – é o que se diz – similar aos projetos já processados pela SABESP no Sul de Minas, uma vez que os mananciais que abastecem e suprem grande parte dos rios mineiros são setorizados oriundos da região Vertentes – fundamental, portanto a preservação de tais reservas e fontes primárias hídricas. São projetos marcas de gestão e conceituação socioambiental do que se sabe, embasados em convênios com organizações internacionais (Banco Mundial e ANA) a serem implementados ao longo de duas décadas.

O problema do abastecimento e suprimento de água à população urbana, em especial de grandes centros é objeto – pelo menos preocupação das autoridades sem que tenham sido implementadas, no entanto soluções globais ou ações de longo prazo quanto a identificação, intervenção e racionalização de investimento na área.

Rios de expressão nascem ou tem várias de suas nascentes no meio como o Pará, Mortes, Jacaré, Paraopeba e formam as grandes bacias hidrográficas do País.

Região pertencente ao bioma Mata Atlântica com vocação para reserva legal, e preservação obrigatória de nascentes. Alô, autoridades, inclusive empresas mineiras de águas e saneamento que obviamente tem interesse máximo no assunto.

(“Vastas emoções, pensamento imperfeitos” – Rubem Fonseca)



A lei do voto secreto do Coronel Chico Heráclio

Postado por Magno Martins

Figura lendária da política dos grotões nacionais, tendo inspirado o personagem "Coronel Limoeiro", dos programas de humor de Chico Anysio, o Coronel Chico Heráclio reinou por décadas absoluto em Limoeiro, no Agreste pernambucano. Conhecido como o Leão das Varjadas, era tão temido adversário político feito Lampião como inimigo sanguinal.

Ao contrário de outros coronéis tardios, que não sobreviveram à modernização do País, Francisco Heráclio do Rego soube usar as mudanças vividas entre as décadas de 1930 e 1960 (abertura de canais de comunicação e transporte com a capital, decadência da importância do setor agrário, aumento da importância do setor de serviços e desenvolvimento industrial) para manter seu poder. Alguns de seus métodos eram coação, adulteração de documentos e favorecimento pessoal aos eleitores.

Na sua época, Limoeiro foi município de prestígio econômico. Chegou a ser uma das maiores economias de Pernambuco (hoje tem o 32º PIB do Estado), tendo produzido muito algodão – cultura que foi destruída pela praga do bicudo. Os métodos usados para se manter no poder deram certo até à morte em 1974: coação, fraude e favor.

“Eu e mais alguns amigos damos transporte aos eleitores. Mando um boi para cada seção eleitoral e às vezes mando cachaça para depois das eleições. Não admito fiscal de nenhum partido. Eleição em Limoeiro tem que ser feita por mim. Sempre fiz e nunca me dei mal”, contou numa histórica entrevista à revista Manchete.

Outra arma política de Chico Heráclio era propaganda e difamação em formato impresso: os famosos panfletos do Coronel. Quase sempre o conteúdo era de ofensas a rivais – com muito palavrão – ou exaltação de si e dos seus candidatos. Como era analfabeto, o texto saía ditado. Ora os panfletos eram anônimos, ora tinham foto de Chico Heráclio e firma reconhecida. Eram distribuídos pelo próprio Coronel pela janela de seus carros ou entregue por correigionários.

Sob o seu mando, Limoeiro também viveu o auge de seu prestígio político. Além de eleger prefeitos no município e influenciar a eleição de uma penca de candidatos na região, elegeu os filhos Francisquinho e Heráclio (deputado estadual e federal, respectiva-

mente, por diversos mandatos). O Coronel exerceu influência decisiva na política pernambucana e chegou até a receber a visita de Juscelino Kubitschek.

Seu reinado merece um estudo sociológico. Dizia que a lei é como uma cerca - quando é forte se passa por baixo; quando fraca, a gente passa por cima. Outra frase que costumava repetir quando dava a sua impressão pessoal sobre o conturbado mundo da política: "O político é feito feijão na água: só sobem os podres".

Meu amigo Adriano, de Surubim, conhecido como Parafuso, é um colecionador dos causos famosos do Coronel. Um deles que me contou recentemente retrata o ambiente e o comportamento do Coronel no dia da eleição. Para destruir os adversários, no dia do pleito ficava na seção eleitoral, supostamente a mais forte do inimigo, distribuindo, ele próprio, a cédula eleitoral com o número do seu ou dos seus candidatos.

A caminho da cabine eleitoral, o eleitor, em sua expressiva maioria analfabeto, era tangido para urna feito boi. Pegava a cédula já pronta das mãos do Coronel, se dirigia à cabine, votava e depois trazia o comprovante do voto para entregar ao Coronel.

Como sempre aparece um curioso ou fofoqueiro no Interior, um deles, após votar e entregar o comprovante, quis saber em quem havia votado. "Olha aqui, Coronel, mas em quem eu votei mesmo? Eu gostaria de saber".

Ao seu estilo debochado, folclórico e fanfarrão, Chico Heráclio sapecou:

"Deixe de ser inconveniente, rapaz! Você não sabe que o voto é secreto. Respeite a lei!"



Pagou a esmola, faltou pagar a novilha

Postado por Magno Martins às 06:30

Na sequência aos causos do Coronel Chico Heráclio, trago hoje mais uma inédita do meu amigo Adriano Vela Branca, de Surubim, o maior ganhador de apostas eleitorais da capital da vaquejada. Antes disso, preciso situar que o mandonismo imposto pelo coronelismo no Brasil teve origem no período colonial, quando era inicialmente absoluto o poder do chefe local, evoluindo em seguida para formas mais elaboradas de controle, chegando nas modernas práticas de clientelismo.

Embora o cargo de "coronel" da Guarda Nacional tenha sido originado na criação da própria Guarda Nacional no Período Regencial do ministro da Justiça, padre Diogo Antônio Feijó (1831), não era o mesmo que a patente militar do Exército Brasileiro. Fenômeno social e político, teve lugar após o advento da República. Como os quadros da corporação eram nomeados pelo Governo Central ou pelos presidentes de província, iniciou-se um longo processo de tráfico de influências e corrupção política.

Naquela época, o Brasil se baseava estruturalmente em oligarquias, grandes latifundiários e oligarcas. Em Pernambuco, Chico Heráclio era o mais afamado e começou a financiar campanhas políticas de seus filhos, ao mesmo tempo em que ganhou o poder de influência na Guarda Nacional. Devido a esta estrutura, a patente de coronel da Guarda Nacional passou a ser equivalente a um título nobiliárquico, concedida de preferência aos grandes proprietários de terras e Chico era um desses.

Desta forma, os coronéis conseguiram adquirir autoridade para impor a ordem sobre o povo e os escravos. No Agreste, ninguém escapava dos ditames do mandante que inspirou o personagem "Coronel Limoeiro", do humorista Chico Anysio. No seu reinado também existiram os caudilhos. A diferença básica entre o coronel e o caudilho é que o primeiro se impôs pela força e pelo medo, enquanto o segundo pelo carisma e liderança no sentido de "salvador da pátria". Tanto um quanto outro se manifestaram no Brasil. Ambos eram fenômenos oriundos do meio rural, da ignorância e analfabetismo funcional do eleitor. Ambos representavam sistemas onde a palavra de ordem se manifestava pelo terror.

Havia chegado em Limoeiro um dentista muito bom, que logo enriqueceu atendendo os eleitores pendurados na conta sem limites do Coronel. Vaidoso e metido a namorado, o dentista adorava carros e tinha fama de corredor, típico daqueles que dirigiam na cidade como se estivessem numa Fórmula Um. Com um Jeep ze-

rado, atropelou e matou uma novilha de uma eleitora birrenta do Coronel, que veio irada ao seu escritório político fazer a queixa e exigir que ele interferisse junto ao dentista para que pagasse o prejuízo da perda da criação. De imediato, Chico Heráclio deu a ordem para o dentista comparecer ao seu local de despacho.

Chegando lá, o dentista já se deparou com quatro capangas de caras feias, armados até os dentes. Tremendo feito vara verde, confessou ter matado a novilha e prometeu pagar o prejuízo. O coronel exigiu que o pagamento fosse feito no dia seguinte no mesmo mesmo local, na presença da reclamante. Trato acertado, dia hora estavam frente a frente autor e vítima da "tragédia". A dona do animal era atrevida, debochada e encenqueira e diante da frouxidão do dentista na frente do Coronel soltou uma piadinha reprovada com palavras e gestos pelo dentista, que assim reagiu: "Olhe aqui a sua esmola". E entregou o valor correspondente ao pagamento da novilha, passando o dinheiro no nariz da inquisidora.

Olhou em seguida para o Coronel e quis saber se estava tudo certo e se poderia ir embora, cuidar da sua vida. Para sua surpresa, a resposta mais inteligente e sarcástica veio de prontidão, deixando-o em maus lençóis:

"Está tudo bem coisa nenhuma. O senhor deu a esmola, agora falta pagar a novilha".

Fonte: <https://www.blogdomagno.com.br>



Biscoitos de São Tiago são tema de artigo publicado por professores do IF Sudeste MG

Artigo do IF Sudeste MG- Campus SJDR trata da cadeia produtiva dos biscoitos de São Tiago e será publicado em periódico B3 da área de Administração

Publicado: 13/10/2020 17h03, Última modificação: 13/10/2020 17h03

Exibir carrossel de imagens

Os professores Leandro Eduardo Vieira Barros (coordenador) Antônio Cléber da Silva (coorientador) do IF Sudeste MG- Campus São João del-Rei publicaram um artigo no periódico B3, conforme qualis-capes, área da administração, ciências contábeis e turismo, resultado do projeto "A cadeia de suprimentos do arranjo produtivo local do biscoito de São Tiago-MG".

O projeto de pesquisa foi contemplado pelo Edital 14/2018 - Propesqinov, PIBIC – Fapemig. Além dos docentes, contou com a participação dos bolsistas Paulo Lúcio de Lacerda e Maria Clara Ferreira. A equipe do projeto realizaram uma pesquisa no Arranjo

Produtivo Local do Biscoito no município de São Tiago, com as empresas desse setor. A finalidade da pesquisa foi realizar o mapeamento da cadeia de suprimentos e o relacionamento entre as empresas do Arranjo Produtivo.

Os resultados apontam que a cadeia principal de suprimentos apresenta condições adequadas para a produção de biscoito, porém a cadeia secundária apresenta limitações sobre alguns aspectos. Detectou-se que as relações entre as empresas do aglomerado são caracterizadas pela competição. Em conclusão, são apresentadas as limitações da pesquisa e sugestões para futuras pesquisas, bem como para o APL e aos órgãos governamentais.

O artigo foi publicado no periódico B3, conforme qualis-capes. Área de avaliação: ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E TURISMO

Fonte: <https://www.ifsudestemg.edu.br>

TRILHA DOS INCONFIDENTES



Altar - Igreja Matriz de Santo Antônio

Os municípios que integram este circuito turístico evocam tradição e poesia, guardando em seus caminhos e recantos parte significativa da história de Minas e do Brasil. É o destino ideal para quem aprecia belas paisagens, arte e manifestações culturais típicas que exaltam a autêntica cultura mineira. No que se refere ao patrimônio histórico-cultural de Minas Gerais, a Trilha dos Inconfidentes é um dos mais representativos circuitos turísticos do Estado.

Alfredo Vasconcelos, Antônio Carlos, Barbacena, Barroso, Carrancas, Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Entre Rios de Minas, Ibituruna, Lagoa Dourada, Madre Deus de Minas, Nazareno, Piedade do Rio Grande, Prados, Resende Costa, Santa Cruz de Minas, São João del-Rei, São Tiago e Tiradentes são os municípios que se uniram para consolidar este atraente destino turístico de Minas.

O nome deste circuito tem uma excelente justificativa: dos vinte e três inconfidentes mineiros, nove residiram na Comarca do Rio Mortes, cuja sede era a Vila de São João del Rei. O povoamento da região começou no final do século 17 com o bandeirante Tomé Portes del Rei que, com permissão real, deu início à atividade de travessia do Rio das Mortes. O local ficou conhecido como Porto Real da Passagem. Esse rio era uma das inúmeras dificuldades enfrentadas pelos bandeirantes nas árduas viagens pela região das minas. Foram vários os que se afogaram ao tentar sua travessia.

Para o historiador Diogo de Vasconcelos, o responsável pela primeira descoberta de ouro nesse local foi o bandeirante João de Siqueira Afonso, por volta do ano de 1702, mudando, então, os rumos do lugar. De ponto de apoio, o local passou a ser um promissor núcleo de mineração, dando origem à Vila de São João del Rei. A descoberta influenciou toda a região que, administrativamente, tornou-se Comarca do Rio das Mortes. Importante no processo político-administrativo, a histórica rota denominada Estrada Real cortava a Comarca. Hoje, percorrer seus trechos é uma das boas opções de passeio pelo circuito.

A arte colonial mineira desenvolvida no século 18 deixou uma forte herança presente nas diversas igrejas e capelas ricas em ouro, talhas e imaginária. Duas preciosidades merecem ser contempladas: a Matriz de Nossa Senhora do Pilar, em São João del Rei, e a Matriz de Santo Antônio, em Tiradentes. Expressivos exemplares da arquitetura civil colonial também estão resguardados: sobrados, fazendas centenárias, antigas casas de câmara e cadeia, museus históricos e de arte sacra. A área da Fazenda do Pombal, onde nasceu Tiradentes, situada em Ritápolis, abriga, hoje, a Floresta Nacional de Ritápolis administrada pelo

Ibama.

Em todo o circuito, são latentes as mais diversas manifestações culturais - pinturas, esculturas, música e culinária. O artesanato é de grande versatilidade e beleza, preservando a identidade e tradição de um povo que transforma o utilitário em verdadeiras obras de arte. Arreios, selas e outros artigos de montaria, feitos primorosamente à mão, são executados em Dolores de Campos. Em Resende Costa, além de bordados e tapetes, são produzidas colchas, toalhas de mesa e cortinas em teares manuais. O município de Prados tem uma das maiores produções artesanais da região. São variadas esculturas de animais em madeira e peças decorativas trabalhadas com material reciclado. Um destaque é o Distrito Vitoriano Veloso, conhecido como Bichinho, pertencente ao município de Prados.

A produção de eventos culturais também é efervescente. Em janeiro, acontece a Mostra de Cinema de Tiradentes. Em julho, São João del Rei organiza um Festival de Inverno de alta qualidade. Em agosto, também em Tiradentes, é a vez do já tradicional Festival de Cultura e Gastronomia. Outras festas, como as celebrações religiosas e profanas, são habituais e atraem sempre um grande número de pessoas. Em Barbacena, a Festa das Rosas acontece na primeira semana de outubro. O Festival da Canção é realizado na cidade de Barroso em julho. Com muita devoção, Santa Cruz de Minas celebra, em janeiro, São Sebastião, o seu santo padroeiro. Não faltam também exposições agropecuárias e rodeios, já que Lagoa Dourada é o berço do jumento da raça Pêga e Entre Rios de Minas, o berço da raça Campolina.

O clima da região é muito agradável. No inverno, de maio a setembro, os visitantes são favorecidos pelo aconchego das pousadas e restaurantes. No resto do ano, eles podem se deliciar com cavalgadas e caminhadas por trilhas centenárias ou com os refrescantes banhos em cachoeiras de águas cristalinas. Um exemplo é a Cachoeira Bom Retiro em Santa Cruz de Minas. Os adeptos dos esportes de aventura também encontram opções como off-road, mountain-bike e rafting. Um dos locais mais procurados é a Serra do Lenheiro, em São João del Rei.

Todos esses atrativos, apoiados por uma boa infra-estrutura instalada principalmente em Tiradentes, São João del Rei e Barbacena, encantam os visitantes e contribuem para o desenvolvimento turístico constante dessa belíssima região de Minas Gerais.

O Circuito Turístico Trilha dos Inconfidentes foi certificado em 18 de maio de 2005

Certificação renovada em 2009/2010



A cutelaria é a arte secular de fabricar artesanalmente instrumentos de corte como canivetes, punhais, facas, espadas, fações e ainda muitos outros utensílios metálicos de corte. As lâminas sempre estiveram e estarão presentes no dia a dia do homem, sendo ferramentas mais confiáveis e úteis, seja uma faca para se descascar uma laranja ou uma baioneta para uso no campo de batalha. Diversas utilidades caracterizam, dessa forma, os produtos da cutelaria, seja para fins domésticos ou profissionais (facação para corte de cana de açúcar, sabre de uso militar) ou ainda peças para colecionadores. Ferraduras velhas, após levadas à forja pelo artesão, tornam-se cabides e peças de enfeite. Discos de arados em desuso tornam-se vasilhames ou objetos decorativos, utilitários etc.

Trata-se de arte praticada desde a Idade da Pedra, quando os homens do neolítico lascavam pedras para construir instrumentos de caça primitivos. Ao longo dos séculos, as civilizações que dominavam melhor a tecnologia de fabricação de lâminas, cada vez mais resistentes e eficientes – facas, espadas, lanças – obtiveram melhores vantagens em campos de batalha, ampliando seus impérios. A cutelaria, por outro lado, moderniza-se continuamente e novos materiais são desenvolvidos a fim de atender os clientes mais exigentes. Espadas famosas como gládio romano ou as katanas japonesas deixaram suas marcas na história, transformando a cena política e cultura de suas épocas. Em todos os quadrantes do mundo, foram desenvolvidos inúmeros modelos de instrumentos de corte com os mais diversos objetivos, os cortes mais firmes e profundos, até as perfurações de armaduras espessas. O domínio da tecnologia da fabricação de aço foi a diferença entre a ascensão e a queda de impérios; mesmo com o avanço de tecnologias bélicas, as lâminas continuam sendo parte vital do equipamento de um soldado na forma de facas, baionetas, fações, tornando-se ferramentas confiáveis em campos de batalha, mediante o emprego de tecnologias de ponta em sua construção. Eis uma competição ainda hoje acirrada entre fabricantes que estão em busca continua pelo aço perfeito para a cutelaria ⁽¹⁾

NOTAS

(1) O aço é a ligação dos elementos ferro e carbono (o carbono corresponde no máximo a 2,1% da estrutura) Os aços com alto teor de carbono são os mais utilizados na cutelaria. Há dois tipos de aço: aços ligas (que se subdividem em ferramentais e inoxidáveis) e aços ao carbono (que tem boa retenção de fio e de resistência mecânica, mas se oxidam rapidamente, caso não for aplicado nenhum agente protetivo em sua superfície como pintura ou óleo)

Os aços ligas recebem a adição de elementos como cromo, molibdênio, vanádio etc que aumentam as propriedades mecânicas do aço, retendo melhor o gume de corte e maior tenacidade e resistência da lâmina no caso de impactos.

Aços ferramentas – são aços com altos teores de elementos adicionados em sua estrutura como forma de resistência ao desgaste e a impactos, sendo comumente utilizados para fazer guilhotinas, moldes, estampas de prensa etc.

Aços inoxidáveis – aços com alta concentração de níquel e cromo que inibem o processo de oxidação (do aço), aumentando suas características mecânicas com melhor retenção de corte e maior dureza da lâmina.

Obs. A Universidade de Brasília mantém curso de cutelaria

Um dos mais tradicionais fabricantes de canivetes artesanais é a empresa Dorigatti em Amparo (SP) - Fonte: Programa Globo Rural, 28/04/2019

A montagem de um produto – como uma faca – passa por várias etapas, desde a produção das lâminas em maquinário específico com tratamento térmico (o aço forjado em altas temperaturas e moldado em forja, bigorna). Para compor a peça, outro profissional é convocado, no caso o seletiro a fim de produzir a bainha. Já se diz no interior: a bainha veste a faca, assim como o vestido veste a noiva.

Universo: Constelações da Ema e do Homem Velho norteiam saber indígena

Observação dos astros influencia a caça, colheita e plantação

Publicado em sexta-feira, 28 Agosto, 2020 - 15:32 Por Gésio Passos - Brasília

Observar o céu sempre fez parte da cultura de homens e mulheres, independente do tempo. Babilônios, egípcios, chineses, maias, e os próprios portugueses utilizaram a observação dos astros para desvendar os segredos da Terra.

E com as centenas de povos indígenas brasileiros não é diferente. A forma como eles observam as constelações influencia diretamente a caça, a colheita, e a plantação, como conta Farney Tourinho, do povo Omágua Kambeba, do Amazonas.

O professor da UFAM, Walter Esteves, afirma que é preciso valorizar os saberes dos povos indígenas.

Walter fala ainda sobre a importância de duas constelações para os nossos povos: a da Ema e a do Homem Velho.

A observação do céu pelos indígenas brasileiros não se restringe apenas à contemplação das constelações. Eles também associam os movimentos do Sol para definir o meio dia solar, os pontos cardiais e as estações do ano.

Com produção de Michelle Moreira e Daniel Ito,

CONHEÇA A ASTRONOMIA DOS ÍNDIOS BRASILEIROS

BRUNO MOLINERO
COLABORAÇÃO PARA A FOLHA

Já ficou olhando o céu à noite? Na cidade grande não tem tanta graça. Por causa da poluição, não conseguimos ver tantas estrelas. Mas o céu é repleto de pontinhos brilhantes. Uma das coisas mais legais é ligar esses pontos até formar um desenho. Foi assim que nasceram as constelações.

Os índios brasileiros também brincaram disso e imaginaram coisas bem diferentes no céu. Em vez de Sagitário ou Órion, as constelações indígenas são a Anta, a Ema e o Homem Velho, por exemplo. Eles enxergam no céu o que existe de verdade aqui na Terra.

Por isso é muito mais fácil enxergar as constelações indígenas. Mas, mesmo com formas diferentes, as nossas constelações e as deles foram inventadas para as mesmas coisas: definir as estações do ano, criar um calendário e ajudar na caça e na coleta de alimentos.

Para mostrar toda essa diversidade, a Estação Ciência da USP promove até o dia 26 um Planetário Indígena.

A EMA

A constelação da Ema existe em quase todos os povos indígenas do Brasil. Ela indica a chegada do inverno para os Guaranis e do tempo de seca para as tribos da Amazônia. Diz a lenda que o Cruzeiro do Sul está segurando sua cabeça. Se soltar, a Ema vai beber toda a água do mundo. É por isso que, quando ela aparece no céu, é sinal de que o tempo de seca chegou.

GERMANO AFONSO/DIVULGAÇÃO



A constelações da Ema indica o inverno para os indígenas

O HOMEM VELHO

Essa é outra constelação muito comum. Ao contrário da Ema, o Homem Velho indica verão. Um dia, um velhinho se casou com uma índia bem nova. Só que a esposa era apaixonada pelo irmão do marido. Para viver com o verdadeiro amor, a mulher corta a perna do velho, que acaba morrendo. Com pena, os deuses transformam o Homem Velho em constelação. É por isso que ele aparece no céu com uma bengala.

GERMANO AFONSO/DIVULGAÇÃO



Para a lenda, o Homem Velho perdeu a perna e foi para o céu

Sobre mitologia e astrologia indígena ver matérias em nosso boletim XLVII – agosto/2011 e CXLVII – dezembro/2019

LUZ

(síntese de uma vida: Cristo)

A venda negra da ignorância foi rompida naquela inviolável noite
Um caminheiro, alta noite, bateu à porta da palhoça fria
e pediu um pouco até a aurora adjacente
Seu olhar sobrenatural percorreu o relento, detendo-se na abóbada
intensa:
- sou Filho da estrela do Alto!

O estranho, sereno viajor, naquela noite,
aqueceu, com seu quente olhar, as aldeias adormecidas
cegou, com Sua Luz, os astros incendiários e partiu...

Nas praias, por vezes, uma túnica cinza lambia a areia pedregosa
Uma sandália rústica, de couro de carneiro, ressoava
O manso olhar procurava Alguém no infinito
O eco de suas palavras atravessava os desertos

A Luz envolveu a terra e as aves escutavam seus salmos
Um cântico de doçura evolava dos caminhos, atapetados de folhas
de oliveira
por onde Sua sombra caminhava
Suas palavras moviam os astros em sua rotação milenar!

Assim, foi que o caminheiro passou pela Terra
Teve, como ouvintes, ovelhas perdidas, redimidas
Falou aos ventos de todos os tempos, recitou poemas ao mar

Na cruz, Seu sangue foi como uma estrela puríssima açoitada
pelo vendaval da noite
Suas lágrimas, num convulso latente, buscaram o espaço
e se transformaram em Água Viva para mitigar a sede universal!

JPO /1968/

CENÁCULO

Que, em cada ser, em cada templo humano,
por mais humilde, por mais distanciado dos burburinhos,
o solitário, o estrangeiro, encontrem pronto abrigo;
o confuso, o confundido, o sem direção – o roteiro de casa;
o faminto, o nu, o sedento, o pobre da estrada, o migrante,
os sem amigos, os que atravessam próximos os caminhos
sintam-se acolhidos, recepcionados
bem hospedados

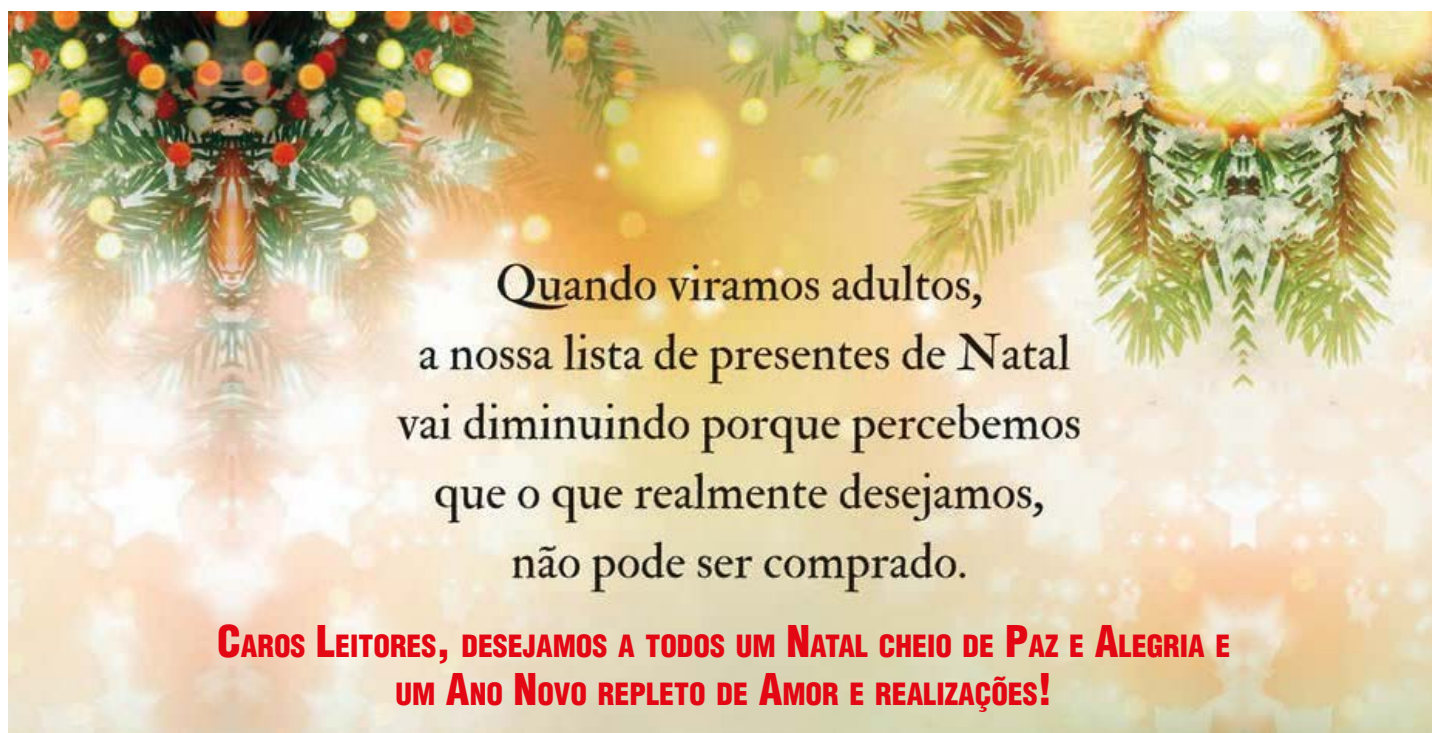
Cada coração seja um centro de hospitalidade, um ninho de aconchego,
cálido refúgio;

abençoada aldeia a albergar os transeuntes
um farol, um sinal luminoso, candeia acesa – intumescida de azeite –
em meio à escuridão da sala do mundo
espaço santuário dentre a selva urbana, o jângal mundano,
cenáculo sempre bem posto, sala mobiliada, fresca água no cântaro

mesa servida à espera do Viajante, do Mestre em trânsito.

Cada âmago, cada alma seja um lar-família a hospedar
os que se acham em risco, os sem voz, os que estão em crise;
porta aberta, sem moralismos, sem legalismos e inquirições
e que use de misericórdia, de inclusão, longânimo estalajadeiro
pão e vinho sempre dispostos
só compaixão!

Alma amiga, que não só acolha,
mas que seja também participação
ainda que colha espigas e cure enfermos aos sábados
que contrarie preceitos, desafie insólitas normas
que aponte o caminho do Reino
conquanto desagrade aos escribas e doutores da lei de sempre
JPO/1996



Quando viramos adultos,
a nossa lista de presentes de Natal
vai diminuindo porque percebemos
que o que realmente desejamos,
não pode ser comprado.

**CAROS LEITORES, DESEJAMOS A TODOS UM NATAL CHEIO DE PAZ E ALEGRIA E
UM ANO NOVO REPLETO DE AMOR E REALIZAÇÕES!**